



ESCRITORES

O ESPAÇO DEFINITIVO DE DIVULGAÇÃO DA LITERATURA

ANO XVIII Novembro de 2012

TENTAMOS, MAS A AJUDA NÃO VEIO

223



ACADEMICUS
PRAECLARUS

Cadeira 072 - Maria Vilanir Braz de Freitas Dias - Patrono: José Correa Francisco

DOZE ANOS DE PARCERIA E DE SUCESSO



Avenida Independência, 3075/Alemães – Piracicaba/SP
Fone: (19)3422-7191 (Cópias) * (19)3422-1200 (Engenharia)
(19)3434-6622 (Impressão) * Fone/Fax: (019)3434-0554
URL: www.copiascia.com.br * E-Mail: copiascia@copiascia.com.br

TENTAMOS, MAS A AJUDA NÃO VEIO

Lançamos quatro campanhas até agora, com resultado quase nulo. A Campanha de parcelamento das anuidades atrasadas foi abraçada por apenas três dos inadimplentes, e a eles agradecemos pela amizade e pelo esforço. A Campanha das medalhas foi abraçada por dois interessados. No total de todas as Campanhas apenas 13 pessoas nos ouviram e se propuseram a ajudar. A esses heróicos agradecemos muito, porque essa ajuda nos permitiu fazer as revistas, mas ainda não conseguimos imprimir para aqueles que recebem em papel porque nos falta ainda pagar o Correio. Estranhamos que a pesquisa que enviamos foi respondida apenas por 9 pessoas.

É um número muito restrito para termos algum resultado. Pedimos que aqueles que não responderam para que respondam. As perguntas parecem bobas, mas são de muita importância para nós. Vamos continuar a campanha do mais um, como vamos continuar cobrando quem ainda não pagou. Mas, estamos lançando a Campanha para aqueles que preferem pagar a anuidade adiantada. Não vai ter vantagem nenhuma, é só um pedido para ajudar mesmo. O Clube atenderá em horário restrito, de terça a sexta, das 13 às 18h. Pedimos a todos que respeitem esse horário.

No ano que vem teremos a eleição da nova Diretoria, no dia 30 de abril, mas já começamos a enviar as Procuções para serem devolvidas com firma reconhecida. Se não for assim não envie, porque não vai valer. Pedimos a quem nunca votou que não se esqueça de exercer o seu direito de votar.

Na Diretoria nova muitas mudanças profundas, inclusive a respeito do pagamento das anuidades. Vamos endurecer a cobrança e os inadimplentes vão mesmo perder a Cadeira. Pedimos àqueles esquecidos que ainda não enviaram o valor para que enviemos a medalha ou Título pelo sedex, que o prazo final foi prorrogado para 05 de dezembro de 2012.

Esperamos que as pessoas mandem poesias para a revista por e-mail, ou em CD. não mandem mais em papel, porque não vamos mais copiar poesias. É isso aí gente! Vamos colaborar um pouco mais para não perder tudo o que conquistamos com tanta dificuldade.



Carlos Moraes Júnior

REVISTA "ESCRITORES"

Revista Literária mensal do Clube dos Escritores Piracicaba. CNPJ: 01.061395/0001-03. Correspondência: Rua Jacob Diehl, 77, Bairro Morumbi, CEP 13420-410, Piracicaba/SP, Fonefax: (0xx19) 3426-8568. Editor: Carlos Moraes Júnior, Mtb 20.836. E-mail: clube.escritores@uol.com.br Site: www.clubedoescritores.com. Para Pagamentos: Conta 8013-6, Agência 4252-8, Banco do Brasil. Diagramação e Arte Final, Administração e Publicidade: Coopia Digitação e Serviços Editoriais, Rua Jacob Diehl, 77, Bairro Morumbi, Cep 13420-410, Piracicaba/SP. Não fornecemos números atrasados. Matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

UMA OUTRA CHANCE

Eu suplicava, implorava, agonizava para que o bipe tocasse. Na cavidade mais profunda do meu coração deveria haver uma gota de esperança, é o que todos dizem. Porém, nada sentia. Só me tornava mais fria e insignificante neste mundo vil. Esperava por um órgão há exatos dois anos. Um fígado, especificamente. Realmente não achava que conseguiria passar todo esse tempo com um pedaço de mim predominantemente apodrecido. Acostumei-me a fumar desde muito nova e de algum modo, deve ter interferido em minha saúde que um dia chegou a ser perfeita.

Os dias passavam e a minha impaciência aumentava. Era uma tortura diária. O bipe guiava minha vida. Odiava estar subordinada a algo que muitos consideram tão indiferente. Já pensei em desistir, mas a minha esperança é baseada na influência constante de meu avô. Vivi com ele durante toda minha vida e ele é o único que tenho uma relação estável de amizade. Só temo de perdê-lo antes de a mim mesma.

Apesar de todo o tempo livre que tinha, precisava de algo para me distrair. Desvencilhar-me de mim. Algum hobby, talvez. Foi então que me apaixonei perdidamente, certo dia desses, por uma arte que vi na rua. Tranqüilizou-me, iludiu-me. Fez com que eu pensasse menos em assuntos obscuros de meu destino.

Havia passado muito tempo ultimamente com meu avô. Ele me traz algum tipo de segurança de que vou conseguir sobreviver e superar este fardo, assim como já superei muitos outros. As noites desta semana em especial se tornaram difíceis de passar. Em especial a de ontem, não pude fechar os olhos. Logo descobri minha inquietude. Causa? Um estranho ruído constante.

De pronto não pude identificar. Olhei ao redor após alguns segundos e vi algo piscando. Espantei-me. Observei em volta; saí correndo. Cheguei de taxi ao hospital. Arrumei-me de uma forma inesperada enquanto sentia meu coração pulsando. Desde então não reparara na rapidez com que tudo havia passado. Um filme de tudo que ocorreu nos últimos anos rodou por meus olhos. Lágrimas caíram enquanto gotas da anestesia pingavam na agulha e penetravam em meu sangue puro.

Não mais puro. O último pensamento que tive foi de que agora sim poderia viver novamente. Intensamente, finalmente. Acordei com outros olhos. Senti com outro coração. Respirei com outro ar. Senti-me vivendo uma nova vida, como imaginara antes. Chorei com as mesmas lágrimas do passado quando soube de meu avô, morto na noite que se passou. Porém uma parte dele permaneceria comigo até quando pudesse encontrá-lo e devolver seu fígado.



Yasmin Anefalos Machida
Titular/Paulínia/SP
yas_anef@yahoo.com

WILSON ROSA PREMIADO EM SÃO LOURENÇO DO SUL



Premiada em 1º lugar no 15º Concurso Literário Estadual de Poesia "Pérola da Lagoa", em São Lourenço do Sul/RS, realizado em 27 de outubro de 2012, A poesia "Voltando pra Casa", de Wilson Rosa da Fonseca, de Rio Grande/RS, Cadeira Ahyr Mazzonetto Valler, da Área de Letras, da Galeria dos Decanos do Conselho do Clube dos Escritores Piracicaba. Ao ilustre premiado os nossos parabéns.

CRÔNICA

SER FELIZ

Ser feliz é um dever é obrigação de cada ser humano. Apesar dos percalços de nossas vidas, mas mesmo assim temos a responsabilidade com este presente de Deus em torná-la a cada dia mais feliz. Só por estar vivo, já é uma grande graça. A cada dia ao despertar já é um momento feliz.

Para que se sinta feliz é necessário que esteja em paz consigo mesmo. Sempre olhando para dentro de si, fazer exame de consciência, uma reflexão para sentir os efeitos de nossos atos cotidianos. Pois para alguém ser feliz é necessário que sinta-se bem com seu próprio eu, porém para que torne-se realidade, é necessário ter uma vida digna demarcada por gestos, ações e atitudes que não o envergonhe e seus entes queridos. Sinta-se bem, e orgulhe da pessoa que é.

Sendo um ser energético que irradia vibrações a cada momento, a cada dia, a cada conquista, ou mesmo nas derrotas não deixa se abater, continua otimista, sem lástimas, pois sabe que dias melhores virão. Sempre em busca de seus ideais, novas conquistas, novos horizontes, novas realizações, fazer o bem ao seu semelhante, sem se preocupar quem é que seja, sem cobranças ou retorno. Assim torna-se um ser feliz. É maravilhoso estar próximo de uma pessoa feliz, pois ao seu redor tudo fica impregnado de alegria a felicidade irradia.



Zilda Pires Teixeira
Colegiado/Rio de Janeiro/RJ
zpires@uol.com.br

OPATINHO

Ela toma-lhe a frente. Segue-a, encantado, ante as ancas reboativas femininas e logo estão no oitão da Igreja próxima. Aí sente o braço possante envolvendo-lhe o pescoço, no golpe da gravata e ouve a voz grossa:

— Quietinho meu! Pega o relógio e a carteira dele, irmãozinho!

O parceiro se achega veloz e, com as mãos ágeis, grosseiras, retirando-lhe o relógio e a carteira do bolso da calça.

— Vamos pirar!

Correndo, os dois assaltantes se somem na ruela escura transversal à Igreja. Seguindo-os, a morena também apressada desaparece na ruela.

Perplexo, ele desabafa o que sente:

— Caí que nem um patinho!

Então, com o vazio dominando-lhe o peito se deixa ficar parado, sem ação, enquanto na pracinha o círculo de afeto e procura continua na marcha de todas as noites. Devagarzinho, como um sonâmbulo, o coroa se afasta, sem direção.

Paulo Murilo Carneiro Valença
Praeclarus/Recife/PE
paulo.valenca@ig.com.br



CONCURSOS LITERÁRIOS

XV CONCURSO NACIONAL DE POESIAS DO CLUBE DOS ESCRITORES

Estão abertas até **30/06/13** as inscrições para o XV Concurso Nacional de Poesias do Clube dos Escritores Piracicaba, cada poeta poderá participar com apenas uma poesia, inédita ou não, devendo conter, no máximo, **30 linhas**, escritas em língua portuguesa, tema livre e sem qualquer restrição. Somente serão aceitos trabalhos datilografados ou digitados em papel A4, espaço simples, Fonte Times New Roman, corpo 12 em duas vias identificadas apenas por pseudônimo, devendo conter obrigatoriamente o nome do Concurso, enviado pelo sistema de envelopes para a **Rua Jacob Diehl, 77 – Bairro Morumbi, CEP 13420-410, Piracicaba/SP.**

O envelope menor deverá conter identificação completa, **obrigatoriamente, o nome do concurso**, pseudônimo, taxa de **R\$ 5,00 (cinco reais)**, em dinheiro, não se aceitando cheque ou depósito bancário. **Os sócios do Clube dos Escritores devem pagar a taxa de R\$ 2,00, enviada somente em dinheiro e no envelope menor deve conter o nome do concurso, nome do participante, pseudônimo, nome do trabalho, telefone e e-mail.** É vedada a participação de membros do júri de seleção e integrantes da Diretoria do Clube dos Escritores.

Serão escolhidos 15 trabalhos que receberão Diplomas de Honra ao Mérito, e destes, serão escolhidos tres vencedores, o destaque do Júri, e um Prêmio Hors Concours, que receberão Diplomas de Premiação. Informações pelo Fone: **(019) 3426-8568** ou pelo e-mail do Clube dos Escritores..

VII CONCURSO DE POESIAS DA COSTA DA MATA ATLÂNTICA

Estão abertas até **30/10/13**, as inscrições para o VII Concurso de Poesias da Costa da Mata Atlântica. Cada poeta pode participar apenas com uma poesia, inédita ou não, com no máximo 30 linhas, em português, tema livre, sem qualquer restrição. Somente serão aceitos trabalhos digitados, de um só lado, em papel A4, espaço simples, fonte Times New Roman 12, em 2 vias, identificados por pseudônimo, contendo no cabeçalho **obrigatoriamente** o nome do Concurso. Os trabalhos concorrentes devem ser enviados pelo sistema de envelopes para a **Rua Dr. Guedes Coelho, 85/52, CEP 11050-231, Santos/SP.**

Todo participante, inclusive sócios do Clube, deverá enviar no envelope menor: nome do concurso, nome, Título das Poesias, pseudônimo, telefone, e-mail e a Taxa de inscrição no valor de R\$ 5.00 cinco reais, não se aceitando cheque ou depósito bancário. É vedada a participação de Membros do **Júri de Seleção** no concurso. Serão escolhidas 5 Menções Honrosas, Tres premiações, mais o Destaque do Júri e mais o Prêmio Hors Concours, que receberão Diplomas de Premiação. Informações pelo Fone: **(13) 3235-1608**, ou através do endereço de e-mail: jose.ubaldo@terra.com.br

CRÔNICA

ALZHEIMER ELETRÔNICO

Às vezes tenho medo do futuro. Como nasci no século passado, tenho tido que adquirir muito conhecimento todos os dias para estar sempre atualizada em relação às novas mídias do mercado. Até mesmo tenho mandado imprimir algumas fotos digitais de maior estima pois os computadores evoluem sem incorporar antigas mídias. Tenho também conservado muito bem meu tocador de bolachão (com agulha de diamante) e de fitas k7s porque senão meu acervo de mais de 80 anos de música ficará inacessível para mim. Mas não se preocupem: não sou tão velha assim, nem vou morrer antes de terminar esta crônica!

E o meu derradeiro aparelho de vídeo-cassetes, que já ameaça a dar os primeiros defeitos? O que farei com minha coleção de 200 filmes preferidos? Investi muito dinheiro em minhas coleções como todo cidadão do século XX.

Queríamos nossas fotos, livros, filmes, músicas, etc, sempre disponíveis e organizados, ali, ao alcance de nossas mãos. Nossas pesquisas eram rápidas e sucintas: restringiam-se aos nossos pequenos acervos pessoais. Dedicávamos um bom tempo - felizes tempos - a esses pequenos tesouros, conservando-os com carinho.

Mas chegaram os aparelhos digitais, os PCs com seus sufixos -.au, -.jpg, -.mp3, -.mp4, -.divx, etc... e inviabilizaram minhas mídias, e, finalmente, meu PC. Adquiri novo PC, além de um Notebook. Mas o que fazer com meus tesouros? Sei que até já há como atualizar tudo em novos arquivos adequados às novas mídias.

Mas isso custa muito dinheiro e mais estudo... talvez até mais um curso superior. Já fiz demais! Então estou num processo de “Mal de Alzheimer Eletrônico” perdendo gradativamente minhas lembranças mais amadas... Dedico bom tempo à caça de antigos arquivos de música ou de velhos filmes. Mas acho um desaforo ter de passar por isso! E quanto aos meus filmes e fotos de família? Tenho filmes de 1949 de meu pai namorando minha mãe, de vovô cantando “Carro de bigode”, dos meus ancestrais cantando divertidamente: “Eram duas caveiras que se amavam.

E no cemitério se encontravammm!!!, etc...” Está certo! Todos eles já se foram. Cantam agora talvez no cemitério. Mas suas vozes e sorrisos ainda permanecem - bem descorados já - nos écrans. Fico pensando: quantas pessoas no planeta estão se dedicando a preservar essa memória da humanidade?

Alí vemos registros de arquitetura, música, moda, tecnologia (velhos carros, navios, aviões, telefones, etc..., de meados do século passado.

Vemos relações familiares, com hábitos como o beija-mão, o pedido de bênção para os mais velhos, Tanta coisa... É um imenso patrimônio sendo corrompido pelo Mal de Alzheimer Eletrônico. Que horror! Vou acabar ficando na dependência só do meu próprio cérebro para conservar minhas memórias! Isso sim é que é alto risco!

Rita Bernadete Sampaio Velosa
Colegiado/Américo Brasiliense/SP
ritavelosa@bol.com.br



CRÔNICA

MULHER

Olhar num espelho oval, quadrado, redondo, retangular para sentir os efeitos do tempo na sua exata dimensão, é difícil ou fácil, dependendo da forma como cada mulher se imagina, ou o tanto que consegue compactuar e ser cúmplice das marcas, agora eternamente notadas, com ou sem ornamentos, ou maquiagem, retoques e demais truques usados para disfarçar a passagem inexorável dos anos de existência.

Uma existência que não pode ser representada somente por marcas faciais, porque extrapola a imagem e penetra na espiral infinita dos momentos marcantes vividos, dos sofrimentos enfrentados, das dúvidas e indagações, dos tempos de reflexão e da sucessão de impensáveis ocorrências, salpicadas de doce amor e enlevo, capazes de povoar uma vida. Uma existência que sempre dá lugar para o sonho, para o devaneio, para pensamentos e sentimentos confusos e desconexos, motivados pelo desânimo, pela vontade de vencer ou apenas pelo prazer de deixar para trás a realidade.

Olhar num espelho não significa entender o significado de todos estes pormenores, que vivem escondidos nos côncavos e nos convexos de um coração maduro que bate forte, e sabe como ninguém, mesmo à distância, atingir outras pessoas com a sua energia benfazeja. É um bate e volta bem colorido!

Olhar num espelho é ter a capacidade de ver só as rugas altamente vulneráveis, que jamais irão saber dos segredos e tesouros, conservados com carinho e criteriosamente guardados, dentro da alma feminina, que durante anos foi se moldando por causa do bem e do mal que experimentou.

Ah! Mulher... Continue a olhar no espelho. Porém, com um pouco mais de prudência e muita sabedoria, já que os mistérios da vida e do amor, são capazes de contagiar outros e outros. Muitos. Milhares. Mulher!

Não meça seu tamanho pelas rugas do seu rosto, mas por aquilo que você traz na alma e no coração. A vaidade, o medo de amadurecer, são coisas inúteis. Tudo tem seu exato momento, porque nada acontece por acontecer, porque ninguém manda no tempo. Por isso, mulher, seja capaz de enfrentar com serenidade todas as etapas da vida, sem dramas e sem se lamentar. Ao invés disso, valorize e agradeça as mudanças, que dia por dia, vão deformando o seu rosto!

Aracy Duarte Ferrari
Colegiado/Piracicaba/SP
aracy.ferrari@terra.com.br



TEMOS SEMPRE UMA SOLUÇÃO PARA VOCÊ

Medalhas, Troféus, Placas, Gravação em laser, crachás,
chaveiros, e outros produtos em metal, vidro, acrílico e pedra.

Rua Lima Barreto, 212/São Paulo/SP
Contato: (11) 2215-1133/[vendas@sportbrindes.com.br](mailto: vendas@sportbrindes.com.br)

INQUIETUDE

Linda é a inquietude cósmica,
em que a luz das estrelas
não pára de se mover,
como fogos fátuos
de corpos transitórios.
Por fim, chega às montanhas.
Portanto não precisa temer
os chamados do mundo.
Onde tua luz se inflama,
lá estarei ao sopé de uma montanha,
a te fazer carinhos, basta que queira.

Adelgício José de Paula
Colegiado/Juiz de Fora/MG
ankharma@terra.com.br

INICIAÇÃO

Temeroso, já vendado,
Conduzido me senti
A lugar ignorado:
Ao GOB, depois eu vi.

Dos metais fui despojado
E seminu aguardei.
A testar fui convidado
Que disse e vi já não sei.

Fiz viagens; tropeçando,
Respostas dei sem saber.
E sempre alguém me guiando...

Veio enfim a luz do dia!
Fremiu em mim todo o ser:
Já era Maçonaria.

Alberto Sequeira P. Gouveia
Conselho/Nova Xavantina/MT
aaspougouveia@bol.com.br

Ódio é um sentimento
Que dá sensação de poder.
Mas é o mesmo sentimento
Que te faz apodrecer...

Antonio Corazza Netto
Praeclarus/Piracicaba/SP
tonycorazza@gmail.com

VENCIDA PELA ILUSÃO

deixou-se ficar
os olhos sem expressão
o corpo sem amor
- frustração –

o sonho louco
a vida vazia
cheia de coisas “boas”
- irrealizável–

as mãos atadas
caros anéis entrelaçados
estranhos braceletes
de pérolas e ouro
algemas sem chaves e prisões
- inexpugnável cofre forte–

um fio de lágrima correu pelas veias
frêmito de nojo e tristeza
pequenina, impotente
abateu-se, ficando sem olhos
sem expressão
sem amor
- sem razão –

Alceu Brito Correa
Praeclarus/Brasília/DF
alceubrito@uol.com.br

BICA

Jorrando nas pedras,
velha bica conta histórias
de amores passados...

Angélica Villela Rebelo Santos
Colegiado/Taubaté/SP
angelicavillela@gmail.com

O CIRCO.

Baratinha
contava
moedas
enchendo
sua
caixinha...

Amélia Marcionila R. da Luz
Decana/Pirapetinga/MG
amelialuz30@gmail.com

CAVALGADA NOTURNA

Acordei,
com minha alma orvalhada de sonhos,
lembrando a noite estrelada
e ainda escutando
o eco das palavras
circundando o universo.
Das palavras ...
... dos grandes poetas
percorrendo a noite,
as cavalgadas de Luz,
poetando os mais belos versos...
acariciando as estrelas,
os anjos perdidos,
as casas adormecidas,
as ruas limpas e transparentes,
ou. totalmente... sangrentas?
Chorei e com emoção,
envolvida pela brisa,
senti a presença do sol
e me debrucei
sobre a grande janela...
... da vida.

Amália Marie G. Bornheim
Decana/Caxias do Sul/RS

No picadeiro desconhecido
Eu vertia sal salpicado de estrelas...
E quando o pano subia
Eu chorava e me sentia contente
Simplesmente por vê-las.

Afinal, havia mais que um desafio
Na vida por fio
Que aos homens espantava.

Havia o pão da manhã...
O sustento do clã
Que também desafiava.

E quando o pano descia,
Eu dizia “Boa Noite”
E as crianças me olhavam sorrindo
Imaginando que eu fosse
De outro planeta...
E todas voltavam para casa
Com a nítida sensação
De que a alegria ainda existia.

Altair Sérgio Venarusso
Conselho/Dois Córregos/SP
bvenarusso@hotmail.com

PROFISSÃO

Aprenda a ensinar.
Ensine o que aprendeu,
mas lembre-se
que apenas aprende-se
o que se aprende.
E o ensinar?
– É ilusão.

Adilson Roberto Gonçalves
Colegiado/Lorena/SP
priadi@uol.com.br

UIRAPURU

Ia alta a capoeira, e lá no cimo
cariciava as fímbrias delicadas
da ramada alongada e insinuante
de impávidos monarcas da floresta...

Transpus as verdes lindes intrincadas
dos dois territórios selvagens:
a mata e a capoeira, povoadas
de rede de cipós e de miragens...

Súbito ouvi, e parei: havia festa!
um frenesi nos galhos verdoengos
de árvores colossais, e o coro excitante
de cantores silvestres! - E as plumagens?

Vi-as, de tantas cores...—E os trinados?
Os pios, assobios, os dobrados...
No conjunto, o requinte de uma orquestra
nativa, delicada, fascinante...

De repente, uma nota diferente,
mágica, corta os ares - bela prece!
Os pássaros se calam e o som cresce
modulado, divino, dominante...

Recolhido ao silêncio do meu êxtase
vi-o, entre um sabiá e um sanhaçu,
num galho de anelimo, com rouxinóis.

Era o fenomenal Uirapuru!



Almir Diniz de Carvalho
Colegiado/Manaus/AM

RELENDO CARTÕES

Abrindo caixas...
Relendo cartões...
Despertam sorrisos
Saltam emoções!

Garranchos lindos!
Garatuja esboçada,
De braços abertos,
Olhos esgarçados!

Não tem gramática
Nem concordância,
Só a temática
Vale a importância.

Rimas que rimam
Em profusão
Fazem o término do cartão:

*“Mãe carinhoza,
mãe bondoza,
mãe vaidosa,
maravilhoza,
fazem o refrão”.*

“Mamãe guerida, hoje é teu dia”

Desenhos pintados de corações.
Flores miúdas por todo canto,
Bem coloridas feitas para mim.

Um a uma
Eu as colhi,
E as tenho todas
Em meu jardim.

Ana Cley Marques Pizarro
Decana/Itajubá/MG
ac.pizarro@bol.com.br

ROSA, ROSADO AMOR

Rosa. Rosa do amor, da amizade!
Rosa que traz em si para doar,
Toda uma gama da felicidade
Que de Deus recebeu, para amar!

Esse amor, que foi meu porto seguro,
Para os mais belos sonhos realizar;
Quando para nós, tudo era puro,
Num caminho que era só, cantar!

Esse amor que foi sempre elevação;
Foi confiança, energia e doação,
Tem meu verso com toda lealdade!

Rosa. Rosa do amor, da amizade,
Hoje lhe mostro o meu coração
Repleto de carinho e gratidão!

*Ana Isabel G. Fusaro
Conselho/São Paulo/SP*

MÉDICO

Médico é o profissional da medicina,
Ciência da saúde que determina,
A conservação e estabelecimento da saúde,
Com objetivo de conservá-la em sua plenitude!

O exercício da medicina é cirúrgica ou clínica...
É a parte do ensino da medicina,
O médico tem grau acadêmico de doutor
Para tratar doentes em sua dor!

O médico trata seus pacientes com medicamentos,
Para prevenir e curar moléstias pelo ensinamento,
Que tem a medicina nos ordenamento,
E Deus está sempre presente nesses momentos!

Antomo Augusto Almozara
Conselho/São Pedro/SP

DEPOIS DE VOCÊ

Depois de você
Eu nunca mais vou chorar
Só vou sentir o prazer de amar
Só quero ouvir o uivar do vento
Ter você no pensamento
Eu nunca mais vou sofrer
Depois de você, só você

Depois de você
Não vai mais me importunar a dor
Não quero esquecer o pranto
Só quero viver de amor
Pensar em você, no entanto
Eu nunca mais vou sofrer
Depois de você, só você.

Depois de você
Só quero ouvir a voz do vento
Que leva e traz o lamento
Lamento que não me satisfaz
Só de amar eu quero ser capaz
Depois de você, só você.

*Antonio Araújo Loliola
Praeclarus/Campo Maior/PI*

DIAS RUINS

Passavam-se os dias
Que dias ruins
E ele não vinha
Ficavas sozinha
Curtindo tua ira..
Mais um dia amanhecia
E ele?
Por onde andaria?

Carla Rosane Lima de Moraes
Conselho/Brasília/DF
carla.tricolor@bol.com.br

PELO VÃO DOS DEDOS

Deixaste que se escoasse a vida sem vivenciar
o amor e a paixão e, pelo vão dos dedos
escorreste a messe que agora põe-te a cobrar,
escudada e encolhida por detrás dos medos.

Fugiste ao aconchego que te ofereci e, por egoísmo
não reconheceste a força de um amor-verdade;
Enquanto sofres e sentes do mundo o antagonismo
Não vês que deixaste passar uma eternidade.

A vida, embora seja eterna, vai somando horas
e a paga pela omissão é imperdoável;
Hoje, quando arrependida no teu leito choras,
Teu débito vai se acumulando quase incalculável.

É tarde, já não sei - talvez! quem sabe
possas reparar um pouco do tempo omitido;
E um sol de novo verão, antes que se acabe,
venha iluminar e te dar alento e novo sentido

Mas lembra! Eu por muitas vezes te chamei à fala
e destes de ombros a tudo quanto te alertei;
Se hoje, clamas meu amor e minha voz se cala,
É porque tudo que eu tinha, ontem eu te dei.

Antonio Benedito Gallo
Conselho/Ribeirão Preto/SP
agallo62@gmail.com

ESPERA

Seu andar felino
move a onda perfumada
que me acende o sangue.

Maria Cecília Cosentino Franco
Conselho/São José do Rio Preto/SP
fazturquia@terra.com.br

MODUS FACIENDI

Poesia se faz
Com vocabulário.
Sinônimos,
Antônimos.
E parônimos.
Mesmo que você se
Chame Antônio.
Poema se labora Co
m mestria.
Ainda que você.
Por acaso.
Professe outra magia.
Falo com seriedade.
Cria-me:
É pura verdade.
Cheguei mesmo a rimar
Orgia com Pedagogia.
Os escribas mais puros
“Que pena”
Vão todos se horrorizar
Ao ler com velho
X Palavras com C e H
Tenha cuidado também
Com elemento escuso.
Ele perturba quem usa.
Tal como se canta num hino.
Crase antes do masculino...



Antonio Moreira
Praeclarus/Rio Claro/SP
chn_191@hotmail.com

TUDO PERDIDO

Se belo é o coração e os
pés do mensageiro que buscam
ou levam consigo a paz...
Também belo é o coração
e o amor que inebria e
lucidamente apraz...

Se fica o perfume nas mãos
de quem colhe e, mãos que
afetuosamente, oferecem flores...
Também ficam a saudade e
as lembranças no coração de
quem viveu grandes amores...

Se a mão que te afaga é
a mesma que bate, mata,
fere e apedreja...
Também fica um sabor divino
nos lábios de quem,
sofregamente, beija...

Se amar é sofrer no paraíso
pela dor, renúncia, choro,
separação ou saudade...
Também saber-se-á se é ou não
gostoso este sofrimento
quem um dia amou de verdade...

Jamais renegue quem amastes,
nem repudieis carinho e afagos
de quem um dia chamastes querido...
Para que um dia, no futuro, não
chores, amargamente só,
ao ver tudo perdido...

Arealdo de Paula
Titular/Guará/DF
poetadpaula@ig.com.br

VOCÊ

Existem pessoas raras,
difíceis de se encontrar
Elas são lindas por fora...
Mas principalmente,
são lindas por dentro
São feitas de carinho...
E recheio de verdade!
Costumam chegar de mansinho...
E te conquistam dia a dia...
Conquistam com verdades
e muito amor!
Elas não têm medo de
competição
Valorizam qualidades...
Não defeitos!
Querem te ver crescer
Querem te ver feliz
Querem, te ver sorrir
Estão sempre perto...
Não te deixam só
Mesmo quando você
não percebe...
Estão cuidando de você!
Eu tive a sorte de encontrar
uma dessas pessoas maravilhosas:
você!

Antonio Dias Neme
Praeclarus/São Paulo/SP
antonio.neme@terra.com.br

Braços na poltrona:
livro, pijama e
bengala...
Velhice perfeita!

Flora Thomé
Decana/Três Lagoas/MS
florathome@terra.com.br

MUITO MAIS QUE PALAVRAS

Querida esposa, nossas dificuldades de casal não foram muitas, passaram despercebidas, a união perdurou, foi excepcional, muitas pessoas vieram, para terem suas vidas.

Nossas filhas não são nossas, nem delas, nem de seus maridos, são princesas, nem “Cinderelas”, não são bens tidos e havidos, são a inspiração destes versos, partículas mágicas do universo.

Quando chegar a hora da grande viagem, cada qual irá embora no seu rito de passagem.

Tudo termina um dia, até a imagem que nos abraça
no fundo da paisagem.

A vida é essa poesia, tal qual uma aragem que passa, o vento que sussurra, o adeus que chora e murmura.

O amor é muito mais do que uma palavra, o amor é simplesmente amar.



Antonio Vilela Pereira
Colegiado/Jataí/GO
antonio_vilela44@yahoo.com.br

LUA CHEIA

Refletindo a branca luz do luar
Nas águas cristalinas do lago
Nesta noite uma faixa a pratear
Como toque da mão de um mago

No horizonte montanhas a debruar
Completando a paisagem com apego
As ramas das árvores a inclinar
Pela brisa movendo com afago

Na margem desiguais seixos a brilhar
Emaranhados em relvas sem vago
Silenciosos a quem lhes vem banhar
Como se estivessem a esconder algo

Ainda para o encanto completar
Cintilam estrelas com dengo
Sempre entre o céu e terra a pairar
Marcando o infundo fundo negro

Arlete Mari Ramina
Decana/Curitiba/PR
arlete.mari@yahoo.com.br

ANJO OU DEMÔNIO

Não sei se pareces anjo ou demônio
Somos um só Jandira e Antônio
Te amo do fundo do coração
Acaba logo com minha solidão

Deixa te beijar com muito carinho
És para mim o meu maior benzinho
Me abraça gostoso, demoradamente
Beijar-te-ei com amor, delicadamente

És meu querido amor, minha querida
A razão suprema da minha vida
Sabes que te quero muito, muito
Estar contigo sempre, é meu intuito

Beijar-te com muito amor
Demoradamente com avidor
Sonhar contigo o que sempre quis
Docemente e acordar muito feliz!

Antonio Rodrigues
Assinante/Santos/SP
tonicorodrigues2006@yahoo.com.br

ANTES DO RECOMEÇO

Sóis se renovam e deixam para trás
Esperanças frustradas...
Sobram crateras dentro em mim.
Acomodadas.
Esferas a pulsar...
No nada... e
De repente, a explosão de tudo
o que senti pelos tempos afora...
Pedacos de ilusão voam aqui e ali,
saídos de um vulcão.
No chão jazem os cacos de ontem,
de hoje e de outrora...
E tudo o que restou do que amei,
do que sonhei.
Do que vivi...
Do princípio dos tempos... até agora.

Arlette Octaviano Rodrigues
Praeclarus/Óleo/SP
luizagian@yahoo.com.br

NO OUTONO

A brisa vai soprando
as folhas vão caindo
folhas secas vou pisando
e sigo caminhando,
vou para baixo dessas árvores
estes frutos vou colhendo
o outono já chegou
o inverno estamos esperando.



Carmen Elza Straub de Abreu
Decana/Itapetininca/SP

UMA ROSA

A rosa
É uma flor
Perfumada e vaidosa.
A rosa vermelha
É centelha que queima.
A rosa amarela
É donzela que ama.
A rosa
É rainha
É princesa,
É mulher
É criança
É bonança
Depois da tempestade...
É noite de lua
E suas pétalas
São estrelas
Que enfeitam
O infinito
Do jardim
Da minha vida!

Benedito Carceles Tavares
Titular/Mogi das Cruzes/SP
reginamariatavares@yahoo.com.br

SAUDADE

A saudade vem de fora,
Nos invade sem pedir.
São as coisas que foram embora,
Sem de nós jamais sair.

Condorcet Aranha
Joinville/SC/In memoriam
cleidearanha2009@hotmail.com

O PRETINHO MORREU

Foi há uns dois meses, informou o dono incontinente. O túmulo dele é lá no pau-queimado, com a foto dele e tudo, pontuou o Formidável, encerrando esta parte para não lacrimejar e depois sorveu o café que me oferecera gentilmente, várias vezes. Durou por dezesseis anos, moço!... Inda recebo cartas para ele.

Tomava café aqui na padaria e gostava de sorvete de bola, eram uma, duas e chega! O limite, o cão espera na porta. Educado, adestrado não. Formidável não é o tipo de termos rebuscados ou técnicos, ele era só um companheiro. Depois que comecei a ver o dono sem o cão, percebi algo estranho.

Antes ao nos encontrarmos o cumprimento de saudação e gentileza, alegre e como que dividia com o cão o encontro.

Agora, vejo sinistro, quase como uma silhueta e sua cabeleira branca e seus olhares são vagos, longes e sempre a intenção de não incomodar aos pedestres apressados e ocupados com um corre-corre ou na verdade, um morre-morre, pra que pressa? Talvez o Pretinho o entendesse melhor, mesmo com seus instintos de esfomeado e afeito aos cuidados do dono.

Este animal passou pela vida de um humano e o marcou tanto, que nem quer outro. Por certo não o tinha para afugentar gatos ou ladrões, mas a solidão, a maldade difusa da incompreensão dos corações egoístas e maus pensamentos (cada um tem seu tempo de amadurecimento).

O cão vive menos que o dono e quando o inverso, o sofrimento não tem sido menor. Há cães que continuam em vigília pelo morto por muito tempo e mesmo para sempre. Agora o Pretinho está lá, sepultado no pau-queimado, com foto e tudo, como pessoa, com sua alma. E outro, o dono diz que não. Dono?

O termo não foi bem aplicado, leitor(a), não era bem isso, era um companheiro, uma relação de iguais, de humanos.

Aliás, amigos, os animais não são de falar muito, não é? São de tato, de focinho, sinuosos e de insinuarem-se, de alertar, de viver e de olhar. Já percebeu um cão olhando para você? Saberá dizer o que pensa?

Os meus fazem belíssimas crônicas como esta, eu acho, pelo menos. Os olhos amendoados de Belinha já me trouxeram muitas coisas e não é só fome, são telepatas acho e mais sábios, porque palavras voam, papel aceita tudo, mas de um olhar é difícil fugir. Havia uma relação humana, um viver, um compromisso.

Uma humildade estampada nos gestos, um seguir o outro e a entonação costumeira de comandos simples de um caipira, lacônico e suficiente entre pessoas que se entendem.

De forma, que entendo a consternação do amigo quebrantado e rejeitando o sofrimento de arrumar outro. Outro Pretinho não existe.



Camilo Irineu Quartarollo
Conselho/Piracicaba/SP
camilo.i@ig.com.br

MEU ÚLTIMO DIA

Hoje estou com saudades. E é com ela que escrevo. Parei alguns minutos no tempo para voltar atrás. E como é gostoso voltar atrás quando se recordam delícias. Saudade daquele tempo infantil, quando a gente não tinha sequer, noção da vida, mas vivia. Quando a gente era apenas um pedacinho de pessoa que um dia talvez fosse dar certo”; era apenas uma criança qualquer sonhando com os dezoito anos”, com o que seria quando crescesse. Nesse tempo havia vida de sobra. Havia certeza fartante porque o mundo era mais bonito. A vida era melhor. Os homens eram mais homens; as mulheres eram mais distintas e as crianças tinham infância de verdade”.

Eu era muito menina, mas lembro-me bem de toda harmonia existente no lar. Papai saía cedo pro trabalho; mamãe iniciava suas tarefas logo pela manhã. Em nossa casa havia quintal de terra, gatos, cachorros, galinhas, cabras e tudo mais que um pseudo-sítio poderia proporcionar. Era bom pisar no chão e sentir algo diferente no fundo da alma, como se fosse a certeza de que se era humano. Depois da chuva, o cheiro característico de terra molhada dava-me o calor da presença do Deus. E eu O amava porque acreditava nEle piamente...

Quando das noites de junho, maravilhoso era sentir o vento batendo em meu rosto; beijando-me o corpo numa violência natural e estranhamente santa. Ainda dentro das noites juninas, o acender da fogueira e o assar das batatas em brasa faziam-me sentir dona do mundo. Era vida!

Tudo isso era vida e a ganância de viver mais, vazava-me pelos poros... Hoje sinto falta de tudo. Cresci de repente e não trouxe comigo aquela vida. Questiono Deus, mas ainda acredito nEle. Não há mais terra para eu pisar. A chuva já não tem o mesmo aroma e o inverno causa-me revolta. Acabou o lar, a família harmonizada, a ganância pela vida. Acabou o sentimento de propriedade do mundo. Acabou a esperança de dar certo. Hoje eu levo a vida porque não outro jeito. sobrevivo, esta é a questão. Entre o viver e o sobreviver existe o lutar. Acabou o meu espírito de batalha...

A saudade proporciona-me reflexões profundas. E, quase como obrigação, quando estou com saudades, retorno alguns anos. Faz-me bem retornar. Parece que meu íntimo se alimenta de vontades novas e, quando volto, sinto-me disposta a reiniciar a grande luta pela sobrevivência. Isto é viver! É lutar todos os dias, dar-se cada pedacinho, doar-se inteiro, atirar-se de cabeça ao grande desafio. É não ter medo da perda, do recomeço, do precisar lutar de outro modo...

Viver é tão incrivelmente belo que, quando se chega ao final, quando se está bem perto da morte, a gente sente saudade. Sente uma saudade enorme de tudo o que viveu e volta atrás, recordando cada capítulo de vida. Recorda-se dia após dia, até o final e também desse dia sente saudade. hoje é meu último dia.

É com saudades que morro...



Carmelinda Rodrigues da Cunha
Praelarus/Campinas/SP
rcpalmieri@uol.com.br

OUTRA SAUDADE

E mais que de repente,
amassado de recordações
na canseira da noite mal dormida,
o coração pulsa tão lentamente
como se quisesse alongar o tempo
e parar a vida.
Então, a saudade oscila entre quimeras.
Ainda uma vez,
a tristeza se transforma em cinzas,
embalada pelo susto do vento,
na angústia da ausência
a entrelaçar e enredar destinos.
Então, entre sonhos a saudade balança.
E mais uma vez,
abreviado pelo imprevisível,
o prazer vacila entre incertezas
do desejo incontido do retorno
e da esperança sempre renovada.
Então, desperta a saudade entre sonhos hesitantes.

Carlos de Moraes
Decano/São Paulo/SP
carmora@superig.com.br

DIGAQUEMEAMA

Se eu não pudesse
Dizer que te amo
Com que houvesse
Em mensagem: a amo

Não tendo palavras
Para o amor escrever
Uso só as letras
E figuram pra ver

Seria difícil de não poder
Seria ousado apenas dizer
Ah! Eu queria escolher

Mas sabemos que eu posso
E por que eu não faço?
Porque é fácil.

Bruno Nascimento Alleoni
Conselho/Rio Claro/SP
alleonibn@hotmail.com

PELO AMOR

Já da vida a deixar,
no leito de morte,
ouviu-se uma voz:
“és sábio, amado,
amas e tens sucesso.

Agora, tudo o que tens
está a se perder
pela fraqueza
de tua carne.

Já não mais resistes
aos comuns esforços
da vida.

Se quiseres
poderemos te salvar:
Renuncia ao amor
e te devolveremos a resistência
para que ainda vivas.”

E como um último responso,
de uma voz quase morta
ouviu-se um pedido de amor:

“Tirem-me tudo:
sucesso, riqueza,
a própria vida,
mas não me deixem
morrer sem amor”.



Carlos Eduardo Pompeu
Decano/Limeira/SP
ginpompeu@terra.com.br

GRANDEIRMÃ OLINDINA

Nosso Deus, Supremo Mestre,
É quem dá inteligência.
A cada um galardoa,
Instrui e dá competência.
Distribui todos os dons
Com sublime sapiência.

Cada um se satisfaça
Com o dom que Deus lhe deu.
Não inveje o dom alheio,
Que o que você recebeu
É também muito importante.
É o que você mereceu.

Um dom não é mais que outro
Todos eles são iguais.
Só o uso é diferente,
Além disso nada mais,
Porque nos são concedidos
Por nosso Deus, Pai dos pais.

Feliz de quem tem um dom
Dado pelo Criador.
Quem o tiver use bem
No serviço do Senhor.
Trate-o com grande respeito
E lhe dê grande valor.

A grande irmã Olindina
Tem um triplo galardão:
Os seus dons de instrumentista,
Do canto e da pregação.
Louva com fervor a Deus,
Alegando todo irmão.

Por mais um aniversário,
Querida irmã Olindina,
Receba meus parabéns.
Seus passos Deus ilumina.
Que a senhora viva sempre
Sob proteção divina.

Cícero Pedro de Assis
Conselho/São Paulo/SP
cordelistacicero@yahoo.com.br

CLUBE DOS ESCRITORES

Salve o Clube dos Escritores,
A nossa Arcádia verdadeira.
Uma história de luta e doação,
A cultura brasileira.

Este Clube dos Escritores,
Que não é de Piracicaba,
Mas de todo o Brasil!
Pois congrega artistas
De Caburá ao Chuí.

Escrever não é difícil,
O que falta é motivação!
E é só no Clube dos Escritores,
Que conseguimos esta realização.

Pois lá tem o Carlos Moraes Júnior,
Eis o nosso presidente
Que com seu pulso firme,
E seu tom condescendente
Consegue administrar
O Clube da gente.

Sem falar nas premiações
Que são muito concorridas,
Pois apenas no Clube há,
O troféu Coruja
O mais falado do Brasil.

E a este clube,
A que honro fazer parte.
Manifesto a minha alegria,
Demonstrando a minha arte,
Que terá exibição,
No Clube do meu coração.

Salve Clube dos Escritores...
O Clube dos artistas brasileiros...

Celso Ricardo de Almeida
Colegiado/Fervedouro/MG
celsoricardo.almeida@oi.com.br

MARIA DE LOURDES REPRESENTA A POESIA DE MINAS GERAIS

Foi com muita alegria que expandimos nossa atuação em Minas e para provar que os mineiros também amam o Clube dos Escritores Piracicaba, recebemos uma grande delegação mineira numa de nossas Sessões Magnas, que se tornou a mesa mais alegre de todas, durante o jantar de confraternização. E eles nos encantamos todos os meses com versos e textos, escritos por estes poetas e escritores. Nestes anos de altos e baixos que tivemos nos foi muito importante o exemplo que emanava de Minas Gerais, a pertinácia e a persistência, aliados a uma grande cautela para dar o próximo passo. Assim, nada do que ocorreu nessa longa trajetória foi capaz de abalar a fé dos nossos escritores. Isso é persistência e esforço! E todos estes Acadêmicos nunca deixaram de apoiar o Clube dos Escritores, para dar exemplo, para mostrar o quanto valorizavam o trabalho que estava sendo desenvolvido. Por isso é com uma dose de emoção, que apresento uma das grandes escritoras de Minas que temos o orgulho de abrigar nesta revista, a minha gentil amiga Maria de Lourdes Barbosa Oliveira, de Uberlândia/MG, Autora de vários projetos teatrais, de leitura, de redação e de literatura, alguns deles premiados. Como Escritora, tem participado e foi premiada em vários concursos de literatura, foi classificada para o Concurso de

Literatura da Prefeitura de Uberlândia, participou de um Calendário denominado "Viaje poeticamente", além de ter um livro seu publicado em Portugal, Integra várias entidades culturais, tendo sido premiada com uma edição de livro pela Academia Feminina Mineira de Letras, é Titular da Cadeira Pedro Alexandrino de Almeida, da Área de Letras, do Quadro de Membros Titulares do Clube dos Escritores Piracicaba. Participou de inúmeras Coletâneas literárias, sendo a mais importante a Coletânea "Poemas sem Fronteiras". Publicou: "50 Gotas de Óleo para minha Candeia", "Os eventos são quase sempre iguais", 2006, livro-objeto e "A parede da Fulô", (2009).

Texto de
Carlos Moraes Júnior



O INDIZÍVEL

indo ao teu encaço
ou me perseguindo
eu chego ao que
não me importa.
esforçando-me
chego ao vazio
ou quase nada.
se rompo a casca
não há outro lado
pois fiquei pra trás
mas se acho a estrada
eu vou-me embora
e não volto mais.
e o que eu não disse
fica no céu da boca
como uma estrela
num canto piscando
juntando-se às outras
constelações - idéias
não reveladas
formando com elas
um mundo especial
feito do indizível
ou do não realizado.
neste cosmo, acho,
nós dois nos perdoamos.
quem sabe talvez
até nos entregamos?
é um espaço onde
eu encontro intocada
a minha verdade
não seria a meia verdade?
ficaram pra trás
tantos não e tantos sim
que me pergunto intrigada
se não foi lá que fiquei em vão?

Dalila Cunha e Mello Balekjian
Conselho/Rio de Janeiro/RJ
dalilabalekjian@yahoo.com.br

FAZ DE CONTA

Como é bom brincar
de faz de conta
nesta vida tonta
onde nada é certo:
tudo é talvez!
Começa com
era uma vez
e acontecem
aventuras e desventuras
em palácios e floresta encantadas,
bruxas malvadas,
reis, príncipes,
princesas e fadas,
para chegar ao tradicional enlace
onde serão felizes para sempre
mesmo que, neste mundo louco,
até o que é eterno
dure tão pouco.....

Dirce Ramos de Lima
Conselho/Piracicaba/SP
dilidima@ig.com.br

DIVINDADES

O papel
dos deuses
não é o atendimento
individualizado
para milagres pessoais.



Djanira Pio
Assinante/São Paulo/SP
opiosoa@yahoo.com.br

CRÔNICA
A ESTRADA

O viajante caminha há meses pela estrada. Mas parecem anos. Seus pés driblam pedras, suas pernas tropeçam em buracos, seus olhos atentam para valas escondidas. Parecem anos. As curvas repentinas, subidas quase infinitas, descidas que chamam tombos. O viajante sempre caminha, sem saber quando chegará ao destino. Pior, não há como ter certeza de que aquela estrada leva de verdade para o objetivo de seu desejo. Ele anda entre suas angústias. Impele-o, tanto quanto o tortura (mais que a dureza da estrada), a ansiedade. Em um fim de tarde, a surpresa.

O anoitecer revela luzes de uma vila. Sim, era o seu destino que finalmente se anunciava. Pela primeira vez, depois de tantos meses que valiam anos, ele tinha uma certeza. A certeza de que estava na estrada certa. Seu coração exultou, seus pés aceleraram, apesar do cansaço e da dor na cabeça ainda quente do sol daquele dia. Sorriu a noite toda, a madrugada inteira, enquanto caminhava tendo apenas olhos para aquelas luzes pálidas do fim da estrada. A manhã chega, entretanto, e com ela o sol.

A luz do sol se faz mais forte que as das casas da vila. O destino, de qualquer forma, apaga suas luzes de neon ao amanhecer. O viajante reencontra a tristeza. Sabe ele que o destino é certo, mas não tem a medida de sua realização. Não sabe o tempo que resta para completar sua viagem e não pode prever o ritmo de sua caminhada, pois não possui o mapa que trata das curvas e pedras do fim deste caminho (e não é consolo o fato de que não tinha também o mapa do traçado já superado).

O viajante reencontra a tristeza. Mas sente que a angústia se foi, salpicada sua alma da esperança. Percebe que a ansiedade é fantasma expulso, perdoada por uma fé nascente. Agora seus pés caminham movidos por uma força ainda maior: a certeza de rever, mesmo que ainda muito longe, as luzes que anunciam a vila-destino. Seus olhos mal têm atenção para o presente, tão somente abertos para driblar obstáculos e saltar perigos. Eles apenas querem logo vislumbrar o destino oculto por trás da luz maior do astro-rei. Quando anoitece, outra bela surpresa.

Após uma curva, que seria a última da estrada, só mais alguns passos... Está bem diante das luzes que iluminam seu destino! Ele começa a correr, mas apenas por alguns instantes. Dá de encontro a um imenso muro que cerca toda a vila. Entre todos os obstáculos do caminho, este era o maior, o mais terrível.

Seu nariz, tolamente posto ao encontro das pedras empilhadas da parede, sangra, um sangue reles, afinado pela fome, sede e cansaço de um dia sem paradas, de meses de solidão andarilha, de anos de trevas no coração.

Seu olhar percorre a extensão da parede, que circunda o destino e parece querer tocar as nuvens. Mas o viajante tem consigo esperança e alguma fé. Ele se senta, dorme no chão agora frio. Dorme e espera. Ele também aprendeu a esperar.

Luis Antonio Groppo
Colegiado/Piracicaba/SP
luis.groppo@am.unisal.br



CRÔNICA
COMO NÃO ERA COMIGO...

Como não era comigo, nem liguei... Era tanta maldade, injustiça e desrespeito que via ou lia a todo instante, que nem liguei. Roubaram meu vizinho, saquearam e incendiaram a escola, estupraram a mulher idosa, bateram no velhinho, abusaram de crianças e jovens inocentes, seqüestraram um montão de gente, não atenderam a mulher grávida ou a doente que, pela ausência de cuidados acabaram morrendo...

Como não era comigo, nem liguei! Assim como continuei na minha vidinha insípida de sempre, do dia a dia comum, sem fazer nada diferente, como se todo esse pavor de agora fosse algo normal ou sinal dos tempos, como explicariam os mais práticos. Então, apenas para me sentir protegido, me tranquei em casa fechei cada vez mais minhas portas e janelas, coloquei grades em tudo, e até colocaria no telhado se fosse possível! E, no meu mundo pequeno, inseguro, insosso e infeliz, talvez acomodadamente pegasse meu prato de comida, e, me sentasse em frente à televisão, para ver as últimas e novas notícias de crianças abandonadas sem escola ou famintas, ou jogadas pela janela, ou arrastadas por carros que saem em disparada ignorando os gritos desesperados de alguma mãe horrorizada com essa cena dantesca que destruirá a sua vida para sempre, e, nunca mais a livrará do trauma terrível que levou seu bem mais precioso...

Mas como não era comigo, talvez chegasse a repetir a comida, na fria intenção do dia seguinte, me comportar da mesma maneira, trancando tudo, portas e janelas, e deixando que o mundo continuasse do mesmo modo, ou se danasse, ou até, explodisse! Afinal, sem saber o que fazer, e tendo um medo gigantesco de me envolver e me expor, no que infelizmente, isso também acaba sendo um comportamento muito natural nesses tempos.. Contudo os fatos verídicos continuam mostrando que a desorganização social e a violência astronômica tomam rumos inacreditáveis numa criatividade tão extensa em suas execuções, que a vida de hoje se transformou num palco de dissabores, desgraças e terrores, sem ignorar que os omissos ou os de direito, não se abalam nem um pouquinho, não tomando a mínima providência.

Daí a covardia dos mais fracos imperar e a coragem de poucos se esconder no mais íntimo das consciências, da generosidade, da moral e da leviandade. E assim, a vida se arrasta de mal a pior, desprovida de interesse pelo outro (já que não está acontecendo conosco...), alimentando o egoísmo, sem a tomada de posições, atitudes drásticas e racionais, ou soluções de humanidade, solidariedade e principalmente, de fraternidade. Então poderão acontecer as perguntas difíceis de responder: “Onde essa inconseqüência levará o ser humano?”

“Quem conseguirá controlar ou dar um basta em tanta insanidade?” “Até quando vamos continuar assim?” E, o pior e mais complicado:

“O que precisaríamos, deveríamos ou poderíamos fazer nessas situações?” No entanto, impossível se furtar de uma resposta que arrebatará de forma fria e cruel: Se nunca liguei com o que não era comigo, o que acontecerá quando for comigo? (Quem me ajudará?).

Maria Helena Corazza
Praeclarus/Piracicaba/SP
333@merconet.com.br



FÓRCEPS

Espelhos espalhados
em uma direção
refletindo o invólucro.
Perpassam mentes.
Repassam sementes.

No futuro presente
as dores dos seres,
que nascem em sequelas
longe do arco-íris,
das aquarelas.

“Que ensinem a viver!”
gritam os nós com os outros.
Envolvidos em fios,
filtrados em vãs filosofias,
entupidos em pias.
Repito:
entupidos em pias!

Edielson José Groppo
Titular/Iguape/SP
cida.mancio@itelefonica.com.br

SABEDORIA

No jogo da vida, quem
não sabe, pensa que
sabe, e quem sabe
pensa que não sabe.

A sabedoria foge
pelos vãos do
infinito, sem
que se possa
aprisioná-la.

Felícia Terezinha Soares Lopes
Praeclarus/Çaçapava do Sul/RS
ftsl@farrapo.com.br

DESTINO

A água brota tímida
Entre as rochas.
Avoluma-se vívida
À medida que corre
Margeia Campinas
Sedentas e estéreis
À espera da sina assassina
Mas a água vai mitigando
E levando seu amor.

Forma cascatas
Transporta gente, riquezas,
Divisas, levando bandeiras.
Sacia a sede
Mata os inocentes
Na sua hora derradeira

Correndo leva tudo
E a todos, para o mar.
Nossa vida também
Leva-nos todos
Para a eternidade.



Elda Nympha Cobra Silveira
Colegiado/Piracicaba/SP
eldanympha@yahoo.com.br

Caminho das pedras
sobre leito de rio seco
segue o retirante...

Hazel de São Francisco
Colegiado/São Paulo/SP
hazeldesaofrancisco@hotmail.com

SOBRE O AR

Ando por sobre o chão
chão que acolhe meus pés
pés descalços no asfalto frio
frio que penetra pelos ossos

ossos que sustentam
sustentam meu corpo
corpo que me leva
leva a experiências

experiências com o ar
ar que invade os pulmões
pulmões que trocam gases
gases que fazem parte

parte da respiração
respiração que me deixa viva
viva para ser
ser livre

Eliana Wissmann Alyanak
Conselho/São Paulo/SP
eliana.wissmann@terra.com.br

LUA DO SERTÃO

Essa lua
obscenamente
acesa sobre mim,
muito mais
que de sertão,
tem de jardim,
pois ela reflete
rosas, lírios,
dálías e jasmíns.

Filemon Félix de Moraes
Colegiado/Brasília/DF
filemonfelix@bol.com.br

É SUBLIME...

É Sublime
Pensar no grande dom,
fruto do amor
que é a essência
da existência do Criador...

É Sublime
Amar e ser amado
com afeto verdadeiro,
sempre vencer o mal
na luta e labuta, por inteiro...

É Sublime
Poder contemplar
o brilho das estrelas
numa noite sem luar
e jamais esquecê-las...

É Sublime
Da criança o sorrir,
tão meigo e inocente,
que lembra o éden
de bem-estar pra gente...

É Sublime
O encanto das flores
multicóres e das aves o trinar,
os encantos das paisagens
que existem em tanto lugar...

Eliseu Oro
Conselho/Descanso/SC

FENECER OU AMAR?

Por que, meu amor, se enganar?
Fingir ou correr?
Sentir que pode amar!
Fugir pra quê?
Se o fim da vida é morrer!
Não se pode mentir...
Não se deve sufocar...
O que escondemos sentir,
Fenecer ou amar?!

Miriam Cury
Colegiado/São Carlos/SP
curymirian@yahoo.com.br

PALAVRA: VOZ SILENCIOSA

São dezenas e centenas delas. Em fileira nos jornais, livros e revistas, uma ao lado da outra formando frases em posições diversas. Toda literatura inicia com palavra e termina com ela, em seqüência nas páginas de livros.

É termo com expressão silencioso isolado, com sinal mudo enquanto guardado fechado, enfeitando biblioteca.

Quando se abre a página de qualquer livro e com o toque mágico do folhear; rápido o leitor sintoniza o segredo do sinal gráfico da palavra contido nas linhas expressas, transformando-o para o bem ou para outra emoção.

A idéia do escritor é criar metamorfose em silencio eloqüente, como ensaio, experiência, enredo, fato, novela, romance, poema etc. incentivando cultura com palavras. Suavemente a oração fala, enfileirando e desfilando com incontável inspiração de quem o escreve. Toda mensagem toma forma, cresce belas artes, impõe ou não, levanta quem está caído, canta música diversa, grita e muda situação na sociedade, estimula a letargia do desconhecido, sacode o raciocínio do depressivo, acorda a razão para a vida etc. Isso se todas as palavras forem lidas, e apreciadas seu conteúdo.

A literatura por si só alça todos os mudos que seu assunto ensina. Nem embaixo da terra, no fundo do mar, sobre as montanhas, no seio da floresta, no infinito do cosmo, nas galáxias incógnitas a palavra não tem limite na sua imaginação.

Ela alcança o âmago do espírito humano, trazendo voz no silêncio, expressando conceito e proposição ao leitor.

Tudo isso guardada no seio dos livros. Por simples que seja mensagem de quem escreve, seu valor deve ser apreciado, visto ser todo escritor um destemido.

Porque e uma maneira de ultrapassar sua barreira, e também deixar erário literário para sua posteridade. Porque poucos deles são lembrados, somente in memória seu nome exaltado. Portanto a palavra é o som mudo que acorda a inteligência de todo o Universo.

Cenira Almeida Nogueira
Colegiado/São Bernardo/SP



ROBERTO FERRARI TOMA POSSE EM ACADEMIA DE LETRAS DE PARIS



Nosso Acadêmico Roberto Augusto de Piratininga Ferrari, de Carapicuíba/SP, Cadeira Jacob Diehl Neto, da Área de Letras, do Colegiado Acadêmico do Clube dos Escritores Piracicaba, tomará posse na “Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture” com sede em Paris. Ao empossado os nossos efusivos parabéns.

À CRIANÇA, ALVO DA ESPERANÇA...

Criança que brinca, que corre e que canta,
Que a todos conquista com sua singeleza...
Criança espontânea, que a todos encanta,
Tua vida é um sacrário de luz e beleza...

Criança confiante no adulto perdido
No mundo confuso, na senda sombria...
À vida conferes um novo sentido,
Ao mundo ofereces a tua alegria...

Criança – esperança, saudamos teu dia,
Por tua presença, tu és poesia,
Que inspira o desejo de um mundo sem dor...

Criança – esperança tu és mensageira
Da paz que se inspira na fé verdadeira,
Da paz que se embasa nos atos de amor!

Eloísa Antunes Maciel
Decana/Santa Maria/RS
eloisa.maciel@gmail.com

BRINCANDO DE AMOR

Amor é bom com amor,
Carinho é bom escondido;
Prazer é bom quando se faz
Entre beijos, abraços e gemidos.
Amor são duas almas,
Que se amam sem perdão;
Amor é um só corpo
Que se explode de paixão.
Amor é como o sol,
Que esquentando até queimar;
Amor é como os pássaros
Que só vivem a cantar.
Amor é um pensamento,
Que nos faz delirar;
Amor é tudo na vida
Ai! Que vontade de te amar.

Ernande Bezerra de Moura
Titular/São Miguel dos Campos/AL
ernandebzerra@yahoo.com.br

EU QUERIA SER!

Eu queria ser,
Uma nota musical,
Da sinfonia que és para mim!

Eu queria ser,
Um raio de luz,
Na tua noite de luar!

Enfeitando o jardim
Florido e perfumado
Que já és para mim!

Eu queria ser,
Ao menos um verso
De amor dentro do teu peito!

Tão belo e perfeito assim,
Quanto o poema
Que já és dentro de mim.

Eu queria ser, enfim,
Um pouco do teu tudo,
Como tudo tu és para mim!

Maria de Fátima Mussato
Colegiado/Jales/SP
fatinhapoeta@gmail.com

SEM DESTINO

Caminho só e sem destino
O cheiro da terra molhada
Estou sentindo
A chuva sobre meu
Corpo caindo
Os pássaros em revoada
Que dia lindo!

Irenilda Paranhos de Castro
Conselho/S. José do Norte/RS
irenilda.paranhos@hotmail.com

ESPERAR

Esperar, esperar, esperar...
Viver assim, esperando...
Esperar, esperar, esperar...
Pra não desesperar em dano...

Esperar com calma, um dom!
Esperar... Pra tudo se tem...
Não há nada que seja bom,
conseguido sem esperar bem...

Esperar, pra tudo se tem,
pois é esta a lei da vida...
Esperar aqui ou além!...

É esta a verdadeira medida,
como se fosse o único bem,
e não voltar mais à partida...

Maria Gertrudes Horta Greco
Conselho/Guaratinguetá

A REDE

O tempo é como uma rede a balançar,
E no seu balanço fluem nossas ações.
É como uma flor que cresce
Independente de nossa vontade.
O tempo é como uma rede de
Rosas de amor
Que nos balança sem
Nos pedir licença.
Para entrar ou sair no seu tempo
Ou fora do tempo.
No balanço da rede devemos...
Sonhar, viver e amar e esquecer
Nossas vaidades.
Porque elas são as primeiras
A serem esquecidas
Quando da rede sairmos.

Francisco Evandro de Oliveira
Colegiado/Belford Roxo/RJ
jjkk47@hotmail.com

BEM MAIOR

Esta vida tão frágil, tão incerta,
que não sabemos quando vai mudar
quase sempre traçamos grande meta,
nem sempre conseguimos alcançar.

É ela pois, única porta aberta,
dádiva que não pode comparar,
às vezes, não estamos em alerta
para o bem maior a vida iluminar.

Valores menores sempre exaltamos
e a vida "o bem" melhor sempre olvidamos
sem lembrar que tudo é passageiro.

Só ela permanece bela e a teremos
pelo tempo ideal que aqui vivemos:
o bem maior deve estar em primeiro!

Helena Curiacos Nallin
Conselho/Cosmópolis/SP
bianallin@uol.com.br

LEGADO!

Agrupo palavras com carinho
e cuidadosamente,
pois aspiro à compreensão
e o prazer de meu leitor.
Não desejo
que, esse, apenas, passe
os olhos sobre o texto,
sem o entender.
Quero que meus escritos
deixem um legado,
uma mensagem,
por mais simples que seja.
Escrever é uma arte fascinante;
as palavras são palcos
de sensações e de emoções.

Ilda Maria Costa Brasil
Praeclarus/Porto Alegre/RS
ildabrasil@hotmail.com

SENTIMENTO

Sinto-me solitário
Viandante que vaga pelas ruas da vida
Sem porquês, como, pra onde
Alguém que a onda do mar ensina
O vai e vem perene de persistência
Placidez e ira
Buscando a alva praia que se distancia

Sinto-me como o vento
Turbulento e suave
Por entre as árvores
Entre as folhas secas
Num redemoinho eterno

Sinto-me como o olhar
Cauteloso do cãozinho
Em sua simplicidade
De alegrar-se com o menor carinho
E sentir as nuances de humor
Daqueles com que compartilha
Seus dias

Sinto-me solitário, forte, carente
Em meio a tanta gente
Com tantas histórias, tantos
Dramas, tantos sonhos
Que se esvaem no medo de viver

Geraldo José Sant'Anna
Colegiado/Taquaritinga/SP
santana.geraldo@gmail.com

DÉBIL PRESSÁGIO

Por que dar tanta ênfase as ansiedades
E disseminar na mente as incertezas
Vive-se melhor preferindo amenidades,
E banindo para longe as tibiezas.

O futuro, em breve, será presente.
Neste presente, vem à memória o passado
Não foi a paixão que se tornou nubente
Mas o proveito e o raciocínio atilado.

No matrimônio encontrará a afeição
Nas relações domésticas a brandura,
Real estima e mútua consideração,
Auge cuja intensidade não dura.

Usufruirá os encantos dos primeiros dias
Precursor necessário e ambicionável,
Nas tardes cálidas de gratas fantasias
E nas noites serenas de sono afável.

Essa sincronia das duas existências
Fator de vivacidade expansiva,
Ocasiona, nas almas, florescências
Penhor de leal dedicação afetiva.

O fado às vezes muda o rumo da vida
Toldando com névoa a autoconfiança,
Débil presságio de uma velhice dorida,
Quem sabe sem tempestade e sem bonança.

Frederico Eduardo Wollmann
Titular/Cachoeira do Sul/RS

IVAN MARQUES

CABELEIREIROS

15% de desconto para os sócios do Clube dos Escritores
Rua Riachuelo, 545 * Centro * Piracicaba
Fones: 3433-7077/3371-1077

O VENTO LEVOU

Só as lembranças restaram,
pois toda a felicidade
o vento levou...
Os sonhos
que se não realizaram,
as alegrias .enganosas,
os momentos
de amor e paixão,
tudo o vento levou...
Só a saudade cruel,
que revive cada gesto,
cada momento, cada sonho,
cada ilusão,
só ela permaneceu,
como se dela
o vento se tivesse esquecido,
por capricho
ou por maldade.

*Hugo Gonçalves Roma
Praeclarus/Rio de Janeiro/RJ*

DOCES PRAZERES

Foi lindo, foi bom, meu primeiro sonho,
Foi repleto de luzes e calor.
Ao dele me lembrar até componho,
Com todo sentimento, com amor.

Depois daquele, muitos outros sonhos
Vieram, pra meu viver alegrar..
Não mais amarguei momentos tristonhos...
Caminhos floridos pude trilhar.

Quando os sonhos se fizeram reais,
Constaí que teria muito mais,
Daquela gostosa emoção sentida.

Foram tempos pra lá de geniais,
Em que vi, senti, como são legais,
Os doces prazeres que nos dão vida.

*José Keitel Ribeiro
Decano/Tres Corações/MG
delkeid@yahoo.com.br*

APÓS ACORDAR

Será que o grande segredo,
É encontrar,
Sem haver procurado?
Ou esse encontro,
Já estava,
Previamente, planejado?

Será que o grande segredo,
É achar,
Sem haver perdido?
Ou esse achado,
Apenas estava,
Despercebido?

Será que o grande segredo,
É deparar-se,
Com algo inusitado?
Ou esse algo,
A algum tempo,
Já estava a nosso lado?

Será que o grande segredo,
É uma constante busca,
De forma desenfreada?
Ou essa busca,
Paulatinamente,
Pode ser realizada?

Será que o grande segredo,
É buscar a tudo,
E nada encontrar?
Ou esse nada,
É o tudo,
Que só
Conhecemos,
Após acordar?

*Iva da Silva
Colegiado/Francisco de Paula/RS
s.iva@terra.com.br*

AMAR-TE SOMENTE...

Não imaginava ser tão tarde,
Sonolento, abro os olhos com vagar,
Incitando o meu lembrar,
Da noite que findou,
Seu corpo, o que dissemos,
O nosso jeito de se tocar,
Pela janela observo a cidade,
E se de verdade a gente se amou,

Lindo dia, mas, faz-se tão tarde,
Cessados os sussurros da noite,
A cidade amanheceu com certo alarde,
Estúpida maneira moderna de viver,
Ou, talvez uma maneira covarde,
Vãs atitudes, pífios conceitos,
Tão poucas pessoas, ou,
Quase nada são perfeitos,
E nos deixamos chagas despertas,
A ansiar pela cura,
Ao nos proferir palavras duras,
E nem sempre estamos na razão,

Não estou certo que aconteceu,
E não me nego a acreditar,
Se, ainda sinto suas carícias,
E, seu cheiro que tanto me envolveu,
Ouço ainda seu sussurro dizendo,
Que estava feliz, tanto quanto eu,
Tão pequeno nos fez parecer,
Tão imenso foi nosso prazer,

Eu, este quarto, estes lençóis,
Ansiamos por outro momento a sós,
Que a tenhamos nessa noite então,
Tanto quanto eu sofro, e,
Sofrendo, me consumo,
Em me contentar em ter você,
Mas, somente enquanto durmo!

*José Ubaldino Santos
Colegiado/Santos/SP
jose.ubaldo2@terra.com.br*

A LOUCURA DE GONZAGA

Quando viajo ou de meu lar me ausento
Sem que leve comigo a esposa amada,
Vão-se minha alegria e meu alento,
Não mais consigo ver beleza em nada.

Avalio, Dirceu, teu desalento,
Distante de Marília idolatrada,
Sem que a esquecesses por um só momento,
Como se em tudo a visses retratada.

Não te acuso, poeta, de fraqueza!
Estou, pelo contrário, de teu lado,
Pronto para fazer tua defesa.

Sem esperança de poder, um dia,
Unir-se para sempre ao ser amado,
Qualquer um de loucura morreria.

*José Nogueira da Costa
Assinante/Itajubá/MG*

SER MONTANHA

Anseio de infinito, oh! cósmica montanha,
que buscas nesse afã silente, e pétreo, e vão?
Queres talvez deter, numa invasão estranha,
esse pálio estelar luzindo em profusão?

Vais abraçar o sol? Que impossível façanha!
Beijar, quem sabe, a lua em toques de emoção?
E quando o temporal em chuva e vento banha
o mundo, não te faz bater o coração?

Quando vejo surgir no horizonte o teu porte,
qual vontade do pó de se elevar na altura
fugindo desta terra onde comanda a morte,

um profundo desejo a erguer-se me acompanha:
quero ser como tu, fugir desta clausura
e não ser nada mais que uma simples montanha!

*Lino Vitti
Príncipe dos Poetas de Piracicaba
poetalinovitti@ig.com.br*

Pedimos a todos que receberem a Proclamação para votar que a devolvam devidamente preenchida com o número dos documentos e somente com a Firma Reconhecida, pois sem a firma e o número dos documentos o Cartório não aceita e quem mandou perde a oportunidade de votar. Não custa nada ter um pouco de boa vontade. Vale a pena!

ADEUSAOMAR

Adeus Mar!
 Não queria lhe dizer
 Essa palavra!

É triste ficar sem o som
 das suas ondas.
 Sem sentir seu cheiro...

Sentirei falta da sua cor
 que inspira meus olhos...
 Sentirei falta do contato
 Dos meus pés
 com suas águas...
 Do momento mágico
 Em que você
 se junta ao céu...

Você sentirá
 Saudades de mim?
 Diga que precisa
 de minha companhia!
 Diga que somos um só!
 É pena ter que partir...

Adeus mar!
 Não se esqueça de mim!



Juliana Diniz José
 Conselho/Londrina/PR
juzinhadiniz@hotmail.com

PERDÃO INTIMO

Pegaste tua ilusão e me fizeste de moldura
 Não quero mais olhar à fresta de portas entreabertas
 Vou escancarar as janelas do meu peito
 Para que o ar de dentro possa fugir
 E os sonhos de fora não fiquem mais amontoados
 Na soleira desse absurdo

Tu não és o menino que me tomou
 Nem o super-homem que inventei
 As cores de teu ego deixaram minhas águas turvas
 Mas minhas mãos não tremem mais diante de ti
 Estão agora abertas para colher flores

Tua canção desafinou minha mente
 E meu carrossel de erros já tilinta doce
 Aprendi a plantar os acentos nas palavras
 E a ouvir os trovões vindos do fundo da terra

Teus olhos apagaram os sons de minha boca
 Mas meus gritos salvaram meu caminho
 Agora minhas trilhas azuis, respiram...

Tu não és o menino que me tomou
 Nem o super-homem que inventei
 Mas te perdôo, fui eu que pequei...



Karina Lima dos Santos
 Decana/Piracicaba/SP
karinalimasantos@hotmail.com

ACABOU...

Quantas vezes pronunciamos esse verbo no decorrer de nossa existência. Muitas vezes ele significa alívio, extravasar de tensões, até alegria. Já em outras, destaca-se o medo do desconhecido, insegurança nas mínimas ações e muito desalento. Sem uma seqüência ordenada e de modo aleatório, assinalemos alguns exemplos:

Acabou um grande amor. O seu término vem acompanhado de tristeza mesclada de sentimentos de solidão. O quebrar elos machuca, magoa principalmente quem foi preterido. Acabou aquela dúvida sobre possível e maligna doença, a qual, após vários exames minuciosos constatou-se não se tratar do que se diagnosticara inicialmente. A satisfação dessa notícia, não tem palavras adequadas que expressem esses momentos de felicidade. Acabou aquela dívida material contraída há um bom tempo.

Que sensação de leveza, refletida num bem-estar físico, quando ela foi inteiramente saldada. Até as dores físicas dela decorrentes (dor de cabeça, estômago, arritmia, enxaqueca, tremor, etc.) cessam de vez..

Acabou o pesadelo noturno. Como é reconfortante despertar de um sono agitado e certificar-se de que tudo não passou de um sonho atemorizador. Acabou a expectativa da festa tão esperada!

Quer seja uma formatura, um casamento ou outra festa que dure apenas algumas horas ou até minutos! Valeram a pena os preparativos envolvendo dias, até meses; talvez, foram estes que propiciaram o sabor de encantamento do acontecido. Acabou a agonia de sentir culpa por algo feito a alguém.

Não importa se é o caso de ser de sua família, do trabalho, vizinho, ou até desconhecido. Só sentiremos a alegria retornar quando humildemente pedirmos perdão pelo ato praticado e que redundou em prejuízo ao próximo.

Concluimos que as situações acabadas envolvem ora soluções positivas ora negativas, mostrando mais uma vez que a vida é feita de momentos bons ou maus, que contribuem para o nosso aprimoramento pessoal.

Assim, enquanto participarmos dessa ciranda terrena, nos conscientizemos como o poeta, de que “ tudo passa nesse mundo de ilusão/ vai para o céu a fumaça, fica na terra o carvão/ só tu coração não muda/ porque és puro, porque és bom!”

Leda Coletti
 Conselho/Piracicaba/SP
leda.coletti@terra.com.br



NOVO LIVRO DE POESIAS DE FREDERICO WOLLMANN



Poesia muito boa é a deste livro “Arpoando Amenas Imaginações”, de Frederico Eduardo Wollmann, de Cachoeira do Sul/RS, Cadeira Bárbara Travaglini Lubiani, da Área de Letras, do Quadro de Membros Titulares do Clube dos Escritores Piracicaba. Lançamento da Editora Letra & Vida. Contato: (051)3722-3189.

MÚSICA DRÃO

Devo contar que sou um pouco surdo e apesar de tudo isso sou músico, e leio bastante O que acontece na maioria de bailes, e barzinhos com som ao vivo, principalmente em barzinhos, tem pessoas que não sei por que trocam a letra das músicas, alterando as letras, por improvisos, que realçam a risadas, de quem de perto está ouvindo e reparando. Outra coisa é o inglês, o piracicabano arrasta o r, mas não fala o inglês, principalmente os músicos.

Eles improvisam o inglês, quando não enrolam mesmo, é uma insensatez, pessoas que tem tanto talento, músicos de nossa terra, não sabem o inglês.

No mais, aprecio da mesma forma, não foge no que tange a qualidade de nossos músicos, apenas é um inglês de músicos, músicos autodidata como eu, que estudei dois anos de música, e também improviso bastante.

Mas na minha mocidade, eu cantava drão para os amigos e meninas, e pela deficiência auditiva já comentada, eu cantava em vez de drão, grão, então ficava “grão não pense na separação” e as meninas ficavam com ar de envergonhadas, e eu não entendia onde estava errando. Quem pensa que sabe tudo, não sabe!



Clóvis Rolim da Silveira
Conselho/Piracicaba/SP
clomajurosi@uol.com.br

MÃOS

Que bom se toda a humanidade
Unisse, as mãos. num gesto de bondade
Num gesto de apoio e compreensão...
Que bom seria, se cada criatura
Numa solida corrente de ternura
Comungasse a dor de cada irmão!
Que bom seria se o ódio que alucina
Se banhasse na densa neblina
Da sensatez, e da meditação;
Que bom seria se a inveja se apagasse
Que sua cinza maléfica, se espalhasse
E se perdesse num mundo de.; ninguém!
Que bom seria, se raças e religiões
Se homens; de. diferentes nações;
Renegassem o brilho do metal!
Que bom seria se numa só bandeira
Posse escrita a frase hospitaleira
Da sonhada paz universal!
Que bom seria se a essência da esperança
Banhasse a alma do velho e da criança
Mostrando que e tempo de viver!
Que bom seria de mãos, negras e brancas

Se encontrassem
E nesse encontro amigo exaltassem
A força gigantesca do amor!
Que bom seria se as mãos assim unidas
Lutassem juntas leais e destemidas
Criando imagens de felicidade!
Que bom seria se eu, você, se o mundo inteiro
Fizéssemos da existência um templo amigo
Um plácido e acolhedor abrigo!
Bom seria se a alma do homem adormecesse
Impregnada de aroma e florescesse:
Colorindo de paz o mundo inteiro!



Mércia Maria Lins Moura de Aloan
Praeclarus/Rio de Janeiro/RJ

POBRE DALVA!

Assistindo à minissérie “Dalva e Herivelto”, sobre a vida da cantora Dalva de Oliveira e do também cantor e compositor Herivelto Martins, não pude deixar de constatar que Dalva foi uma pobre mulher em todos os sentidos, a despeito da belíssima voz e reconhecido talento musical.

Pobre de dinheiro, pobre de auto-estima, pobre de orgulho, pobre de classe, pobrezinha! daquelas mulheres que a gente logo sente “pena”, porque não conseguem dominar nem a si mesmas quanto mais ao homem amado.

Acho impossível conviver num tipo de relacionamento como o deles, tanto é que teve o fim trágico e melancólico que teve. Crises de ciúmes diárias, lágrimas diárias, barracos diários, acusações constantes, gritos, quebra-quebra, como criar filhos ou polir uma carreira desse jeito?

De certa forma, dá até uma certa inveja da capacidade de sentir assim. De se rasgar de ciúmes, de se ajoelhar aos pés do traidor suplicando que não a abandone, de perdoar sempre, de não ter olhos, boca ou ouvidos para mais nada que não seja para aquele amor doentio. Deve ser um martírio, mas tenho até curiosidade de saber como é ter esta capacidade de sentir. Não consigo me imaginar aos pés de um homem implorando amor, implorando para que não se vá, dilacerada de ciúmes das outras mulheres. Não poderia viver este papel, já que sou do tipo que vira as costas e sai andando, sem nem olhar para trás, por mais que doa, por mais que seja difícil, por mais que custe.

Creio que o ambiente artístico, as noitadas de bebidas, cigarros, músicas, com coristas seminuas nos cassinos, tudo isso serve melhor de pano de fundo para estes dramalhões. Herivelto era um compositor de sucesso, bem apessoado, bem relacionado e extremamente mulherengo.

Dalva tinha origem humilde, voz maviosa que foi polida por ele e era extremamente ciumenta. Mistura bombástica, portanto. Impossível de resultar em boa coisa. O que mais me chama a atenção, todavia, são as cenas de ciúme, a gritaria, os desacatos e depois uma violenta relação sexual “para acalmar os ânimos”. Pobre Dalva. Grande Dalva!

Maria Luiza Vargas Ramos
Conselho/Florianópolis/SC
baisa@matrix.com.br



CURSO DE PSICANÁLISE, PSICOSSOMÁTICA E GRUPANÁLISE



Acadêmica da Galeria dos Academicus Praeclarus, do Clube dos Escritores Piracicaba, a Psicanalista Dra. Célia Gevartoski, Diretora do “Núcleo de Formação” da Associação Brasileira de Psicanálise Contemporânea coordena mensalmente, no espaço do Hotel Nacional em Piracicaba, o “Curso de Formação em Psicanálise; Psicossomática e Grupanálise” da ABPC, com apoio da Associação Paulista de Medicina/SP. Contato pelos sites: www.psicanalisepiracicaba.ning.com ou www.celiagevartoski

A OSCAR NIEMEYER

A curva e sua harmonia
olhava e – deslumbramento –
sabia reproduzi-las e eternizá-las
e ainda sabe

Cada uma representada
alinhada no desenho
rede e montanhas mostravam
e ainda mostram

Neste Brasil espalham-se
Identidade projetou também
no exterior

Em cem anos de eterna juventude
espalhou também poesia
e ainda espalha

Sunombre permanece gravado
Em letras de línguas várias, reflete
nossa paisagem

Isto é certo
Reproduzida em concreto
as curvas de Minas e do Brasil
saem dos desenhos de Niemeyer

Maria Angélica B. dos Santos
Praeclarus/Belo Horizonte/MG
bilabernardes@gmail.com

INVEJA

Transparente as asas da monarca
Que baila entre as flores de meu jardim
As flores a olham invejosas
Nenhuma reluz o sol
Nenhuma exprime vitrais em suas asas
Afim, nem asas possuem!
O próprio sol a fustiga
- Que borboleta atrevida!
Se aproveitando de mim!

Geraldo Gabriel Bossini
Colegiado/São José do Rio Preto/SP
geraldobossini@ig.com.br

FAVELA

O morro levanta e impõe
barracos de tábuas
que se alteiam com os medos
peneirados na violência,
do sangue nos portais
respingando inocentes culpados.

Adubado pela miséria
da mínima razão diária
gera astúcia e muitos ais,
de bandidos púberes
que traem a ordem,
denigrem e encurtam a vida,
enfrentam e matam a lei.

Maria de Lourdes Prata Garcia
Assinante/Bragança Paulista/SP
lola@pratagarcia.com

LUZ DA VERDADE

Onde está a Verdade?
Do outro lado da Mentira.
Quanto mais a procuramos,
Mais dela nos afastamos.

A Verdade está em tudo,
Assim como a Mentira.
Entretanto, se de todo inacessível,
Não de todo impossível.

Desnudar-se diante de tudo e de todos
É o primeiro passo
Até sua morada construída
De arquétipos de luz e magia.

Anésio Luciano de Oliveira
Titular/Brasília/DF
luckydeoliveira@gmail.com

JORNAL NACIONAL

Não nasci para ver o Jornal Nacional
Para consumir o que não preciso
Para fazer aquilo que não quero
Para produzir para os outros
Para ser igual ao normal
Para ir aonde não quis.

Nasci para ser um e comum
Indivíduo que pensa livre,
A viver no mundo real,
Leve, solto, e feliz!

Luiz Barboza Neto
Colegiado/Florianópolis/SC
lubanet@brturbo.com.br

UMA SIMPLES PASSAGEM

Uma gota de chuva que cai lentamente
de uma folha iluminada pelo arco-íris,
que joga sobre ela mil cores.
Um céu iluminado pela lua,
estrelas infinitamente incontáveis.
Um riacho que cai logo ali, com um
barulhinho refrescante e convidativo.
Mil tipos de cores diferentes:
verdes, amarelas, azuis... são tantas
que a natureza nos oferece!
E teus olhos passam,
quantas vezes distraídos...
Este é o mundo que Ele nos dá,
para expiar e crescer espiritualmente.
Dá para imaginar como será
o nosso verdadeiro lar?

Lúcia Martins
Conselho/Ituporanga/SC
malu818@hotmail.com

SEMENTES

Semei sementes do amor mais puro
Plantei mil sonhos, mas colhi espinhos
Plantei carinhos e plantei sorrisos
E entre os abrolhos germinaram flores.
Segui semeando pela vida afora
Plantei amizade colhi traição
Plantei afeto, mas colhi saudades
E entre os abrolhos germinaram flores.
E seguirei semeando poesia
Cantando em rimas os meus dissabores
Cantando em versos minhas alegrias
E entre os abrolhos germinarão flores.
Eu seguirei semeando meus poemas
Colhendo flores multicoloridas
Lançando fora os cruéis espinhos
E em meu caminho nascerão mais flores.

Maria Antonina de Lima Soldá
Conselho/São Paulo/SP
nina.delima@hotmail.com

ABRIA PORTA

Abri a porta
e mandei
a solidão
ir embora.
Abri a porta
e joguei
a tristeza
lá fora.

Abri a porta
e mandei
a felicidade
entrar.
Abri a porta
e fui de novo
amar.

Marilza de Fátima Rezende
Praeclarus/Guará/DF
marilzarezende@gmail.com

TROQUE O SEU CACHORRO POR UMA CRIANÇA POBRE

Ao dizer essa frase: “troque seu cachorro por uma criança pobre” que culminou em uma polêmica música, Eduardo Dusek, nos anos 80, terminou sendo um pioneiro, ao perceber a tendência das pessoas na época, que estavam dando mais atenção aos animais que à sua própria raça humana, que dizem ser diferenciada pela humanidade, ou seja pela caridade. Ao fazer parte da mesma raça que domina e estraga este planeta azul, em todos os níveis, sempre coloco e questiono esse novo comportamento em que os animais de estimação já vestem roupas, têm comidas especiais, cemitério próprio, SPA, dentista, acupuntura, até mesmo plano de saúde; sem falar em casa, carinho e proteção, ou seja, tudo que uma criança pobre e/ou abandonada reza e sonha, que a tratem dignamente como “cachorros” só que o descrédito com nossos irmãos está tão grande que as pessoas preferem viver entre os animais, pois não mais nos suportamos, quem querem vilipendiar os direitos das outras, tornando-nos uma “ilha” cada vez mais.

Mesmo quando estamos em grupo. Depois de seguidas decepções, um outro anônimo vociferou: “quanto mais conheço a raça humana mais gosto dos meus animais!”. Assim com tantas agruras e frustrações, ainda devemos acreditar na nossa espécie, porque em cada um que renegamos, tem um pouco de nós, com os mesmos sentimentos e aflições e enquanto não percebermos isso, estaremos sempre trocando gente por animais.

Marcelo de Oliveira Souza
Titular/Salvador/BA
marceloosouzasom@hotmail.com



TROVASMALUCAS

Eu tanto a moela.
Meu amor é decoração
Até vivo do ente
Mas não em porta.

Meu coração por tigela,
Meus afetos por tição,
Se não posso amarela
Não penso jánela...

Darei meu amor poutra
E ela que dê o seu potro.
Cada um com assassina
Que eu viva caminha
E ela que viva cadela!

Miguel Gonzales
Assinante/São Bernardo/SP

SERÃO?

Tá faltando um,
Tá faltando um,
Tanta gente indiciada
E na certa processada.
Tá faltando um,
Tá faltando um.
Será que foi beneficiado,
Só “aquele” de Garanhuns?
Tá faltando um,
Tá faltando um...

Milton Mariano de Souza
Colegiado/Governador Valadares/MG
miltonmariano@uol.com.br

OS MISTÉRIOS DA PRIMAVERA

A mitologia explica um dos fenômenos mais bonitos da natureza: o ressurgimento da primavera, e com ela, a bênção da chuva, os brotos e os dos botões que se abrem em belas flores e deliciosos frutos. A natureza é contemplada com verdejar de todas as plantas, desde os gramados até os pinheirais. As flores enfeitarão e perfumarão este espaço glorioso, mas temporário em que vivemos.

Com a primavera, a chuva deixa escorrer suas águas, com toda sua força e sua magia, na terra, infiltrando-se nas profundezas subterrâneas e divinas onde Hades habita e governa, onde mora Perséfone, sua esposa e filha amada de Ceres, a deusa da vegetação. Ela, a chuva, transforma, visceralmente, a natureza e a vida de todos os seus habitantes. As fendas que a chuva abre na terra, faz reaparecer a filha de Ceres, a deusa Perséfone. Ceres, mãe amorosa, estava com muita saudade de sua filha. Foram seis meses sofrendo sua ausência, sobretudo no inverno. Essa ausência sofrida fez com que Ceres castigasse a natureza com a seca, coma fome e coma sede. Mas, quem é Ceres?

É o nome romano da deusa grega Deméter, deusa da vegetação e da natureza. Quando sua filha reaparece, na Primavera, todas as plantas brotam a mando da mãe, pela alegria de revê-la, bela e formosa. Por que Perséfone se foi para o mundo subterrâneo? Perséfone colhia uma linda flor, o narciso.

A terra se abriu, e Hades, o deus apaixonado, a raptou, levando-a para sua morada. Neste momento, Deméter ouviu um grito terrível da filha que feriu imensamente o seu coração de mãe. Sentido muito sua falta, saiu em uma tresloucada busca por toda a face da terra. Diz o mito, segundo Dicionário de Mitologia Grega, que “durante nove dias e nove noites, sem comer, sem beber, sem tomar banho, sem se arranjar, a deusa vagueou pelo mundo com archote aceso em cada mão... à procura da filha. Apenas o Sol que tudo vê lhe pôde dizer o que se passara... Enfurecida, a deusa decidiu não mais voltar a céu, abdicando de sua função divina, até que lhe devolvessem a filha”. Exilou-se, na terra, como uma velha maltrapilha.

O exílio voluntário de Ceres tornou a terra estéril. Zeus, vendo a desolação dos homens, pediu a Hades que devolvesse Perséfone à mãe, mas não era mais possível, porque a jovem comera sementes de romã no mundo subterrâneo. Isso a aprisionaria para sempre. Zeus interveio. Decidiu uma conciliação, desde que Ceres retomasse sua função no Olimpo. Perséfone ficaria seis meses no mundo subterrâneo e seis meses na terra. Então, Perséfone, escapa de sua morada subterrânea e reaparece na terra com toda sua formosura, por seis meses, fazendo brotar os campos verdes e as flores.

A primavera permanece até que novamente desapareça em forma de sementes, no outono, caindo de novo na terra, voltando para ficar com seu marido, por mais seis meses, no mundo subterrâneo. Porém, renasce a vegetação, quando a natureza terrena começa apresentar seus brotos verdinhos, suas flores perfumadas. É a estação da Primavera em que Perséfone está entre nós com toda sua formosura.



Irene Zanette de Castañeda
Praeclarus/São Carlos/SP
irene@power.ufscar.br

OS SAPATOS ITALIANOS

Somos um grupo de cinco amigas muito animadas; viajamos juntas nas noites de segunda-feira para frequentar um curso em uma cidade vizinha. Sempre muito alegres, gargalhamos o tempo todo durante as viagens, nos revezando nas tiradas inteligentes que nos fazem rir à beça. Naquela noite fatídica, paramos em frente à chácara de nossa amiga, que subiu no carro toda feliz exibindo um belíssimo par de sapatos italianos, nos informando que os ganhara de uma tia cujos pés não acomodaram o rico presente. Nossa amiga ria muito, dizendo que em seus pés tudo servia, pois “pé de pobre não tem tamanho”. Desceu do carro pisando leve, andava que parecia flutuar, toda chique e feliz. Mas o destino cruel aprontava das suas para igualar o fantástico presente aos nossos pisantes desprovidos de glória.

Na hora da saída, entramos no carro, eu de motorista. Como sempre não faltavam palpites para sairmos do pasto que nos servia de estacionamento, desastradamente acabei atolando o carro em uma caixa de descarga de esgoto que estava aberta, algo infelizmente muito comum no interior. O carro gemia e não saía do lugar.

Meio nervosa, mandei que a meia tonelada de mulheres descesse para empurrar o carro. A dona dos sapatos, a mais disposta, foi a primeira a se posicionar, orientando as outras no esforço para nos livrar.

Depois de uma chuva salpicada de excrementos que enlameou o carro e o quarteto fora dele, o veículo saiu livre do podre buraco. O limpador de pára-brisa parecia gemer: “merda, merda, merda, merda,” enquanto se esforçava para abrir o campo visual, diante de tanto excremento.

A dona dos sapatos ergueu os braços para comemorar, quando perdeu o equilíbrio e enfiou um dos pés tão ricamente calçado na poça infame. Ribombou na noite um grito desesperado: “Meu sapato italianooooooooo...”

Solícita, abri as portas de meu veículo recém lavado para as quatro poluídas, que gargalhavam sem parar, ameaçando as próprias calças com a incontinência urinária própria da idade... assim, conduzi o grupo em segurança até nossas casas, todas torcendo pela sobrevivência do pobre pé de sapato italiano!



Magali Lovatto do Nascimento
Praeclarus/Manduri/SP
megh37@hotmail.com

NOVO LIVRO DE POEMAS DA VASTA COLEÇÃO DE DU BOIS

Um novo livro de poemas de uma série é este “Rudimentos”, de Pedro de Quadros Du Bois, de Balneário Camboriú/SC, Cadeira Tereza Salvatti Delghíngaro, da Área de Letras, da Galeria dos Academicus Praeclarus do Clube dos Escritores Piracicaba. Edição do autor. Contato: pedro_dubois@terra.com.br



REGRESSO

Ainda uma vez retorno
às ruas do nosso tempo.
doloridas de saudade.

Como pôde o duro calçamento
guardar tão bem a marca dos teus passos?
Como pôde a móvel atmosfera
conservar a linha severa do teu perfil?

Tento esquecer, apagar tudo
olhar os prédios novos, tão modernos,
no lugar das casinhas geminadas.
Registrar que o tempo passou,
arrancaram os trilhos do bonde
e os paralelepípedos.

Nada adianta. Existes,
em algum lugar existes,
cada dia, espero e temo ver-te.
E, quanto mais espero e temo,
mais te faço, sem querer,
presente.

Neida Rocha Wobeto
Praeclarus/Pomerode/SC
neidarocha@terra.com.br

DEUS

Deus
é imortal!

Eu sou filho
de Deus.

Um dia
meu corpo
orgânico atual
perecerá.

Eu não!
Somos imortais!



Nadir Silveira Dias
Conselho/Porto Alegre/RS
nadirdias@yahoo.com.br

BOATO, APENAS UM BOATO...

De repente o boato poderá ser
verdadeiro.
Poderá até ser de uma forma agoureiro...
Mas, e aí, como é que fica?

Eu não terminei o que aqui,
neste mundo, eu vim fazer.
Falta alguns livros para escrever.
Alguma coisa boa que ainda quero ver.

Quem sabe voar pelas estrelas!
Seguir em direção à lua
numa marcha longa...
e lá de cima, a terra revê-la
e sentir como a vida continua.

Ver como é belo o universo!
O mundo ao amanhecer!
Se encontrar com os meus versos...

Se juntar aos pássaros voando em bando.
E todo dia poder desfrutar com eles
o calor do sol, o frescor da lua
e ficar assim nesta calma toda tua,
sem com nada se importar.
Ouvindo apenas, do rouxinol,
o cantar!

Mas viver e viver de qualquer jeito.
Com vontade de seguir em frente.
Nunca se cansar ou achar algum defeito,
pois a vida é o mais sublime presente
que temos, antes que a morte, de fato,
sem ser boato, venha buscar a gente.



Odila Placência
Titular/Barueri/SP
odilaplacencia@hotmail.com

ASSIM

Meu amor é assim:
gaivotas de mim
que mergulham no mar.
Arco-íris. Enchente.
Uma estrela cadente.
Um clarão de luar.

Meu amor pode ser um riacho
que desliza tranqüilo pro mar;
ou aguaceiro montanha à baixo,
que arrasta o que pode, por onde passar.

Meu amor, sou assim:
você sabe de mim,
sabe onde me encontrar.
Você há de entender
se eu vibrar ou sofrer,
se eu sorrir ou chorar.

Sou, às vezes, um vento de açoite
que chega cortante, pra te machucar;
outras vezes sou brisa da noite,
que sopra mansinho, pra não te acordar.

Paulo Franco
Titular/Rio de Janeiro/RJ
pauloanchietta@oi.com.br

BALA PERDIDA

Matar
não importa quantos,
não importa a quem

Matar
atirando a esmo
em inocentes crianças
que morrem
com os olhos cândidos de surpresa.

Marina Rolim
Praeclarus/Santo André/SP
marina.poetisa@yahoo.com.br



DIVINO

Todo homem é divino
foi criado pelo Criador
masculino e feminino
foi criado com amor.

O homem é protegido
pelo Pai da Criação
por isso dever ser querido
e aprender forte oração.

Deus criou o mundo
para o homem reinar
e ser amado e fecundo.
Para o homem proliferar.

Para o homem ter sucesso a
ntes de tudo deve ser cristão
Deus nunca entra em recesso
por a sua divina criação.

Paulo Dias Neme
Praeclarus/São Paulo/SP
profpauloneme@terra.com.br

SIM

Esses	Aos
Meus	Outros
Queridos	Corações
Pais, amigos	Gamas
Que em	Multicolores
Papel	De seus
E pena	Corações
Transmitem	Discípulos
	Da fé
	E do amor!

Vera Regina de Barcellos
Conselho/Florianópolis/SC
vera.de.barcellos@gmail.com

GLOSA

Saudade angústia infinita
só pela Morte varrida.
Caleidoscópio que agita
cacos de luz de uma vida.
(Adélia Ferreira)

Que, a qualquer hora é possível
virmos a sofrer uma desdita.
Sentirei, sabendo, pois plausível
saudade angústia infinita.

Sei que nada se sustenta
e resta emoção sentida.
Na realidade é tormenta
só pela Morte varrida.

Dirão: o remédio é esperar,
filas, demoras, como se evita ?
Muita paciência e deixa estar
caleidoscópio que agita.

Morrendo, o poeta pediu “mais luz”
a escuridão pareceu sofrida.
No sonho queria, cristal que reluz
cacos de luz de uma vida.

Paulo Alberto Garbus
Praeclarus/Curitiba/PR
epgarbus@gmail.com

Nasci	sozinho
na	vou
saudade	pelo
parti	caminho
verdade	
encontrei	sina
	triste
voltei	solidão
novamente	não
	viste
	acordei.

Ricarda Maria Leal Alvim
Decana/Miracema/RJ
ricardalealvim@ig.com.br

TROPEÇOS DA VIDA

Segui tristonha um dia a meditar
Nas palavras que encontrei na minha vida,
Tropeços no meu longo caminhar,
Mas nas quedas, minha alma sempre erguida!

Se uma pedra abalava o meu trilhar,
E às vezes me sentindo enfraquecida,
Eu logo erguia ao céu o meu olhar,
E então sentia a vida mais florida...

Se em nossa caminhada tropeçamos,
É Deus que nos quer dar uma lição
E das dores aos poucos escapamos!

Entre todas as pedras da jornada,
Uma trouxe-me paz ao coração,
Para feliz seguir a minha estrada...

Therezinha de Jesus Lopes
Assinante/Juiz de Fora/MG

QUANTO SOFRO VOCÊ NÃO
IMAGINA

Quanto sofro você não imagina,
o quanto choro nas horas tardias...
Talvez cobriu-me a fria mão divina,
sumiu-me o sol, deixando-me horas
frias...

Se houver calor em meu peito, menina,
é por você orando as ave-marias!
Sou triste desde a hora matutina
até a hora da tarde em nostalgias...

Zizi bela que em sonhos me acompanhe
num porvir cheio de felicidade
e que na vida real talvez ganhe

tudo quanto é de ventura e beleza
de sonhar ser amado de verdade
quando realmente vive em tristeza!

Rodolfo Galvão de Oliveira
Decano/Piracicaba/SP
r.g.de.oliveira@ig.com.br

A CASA COR-DE-ROSA

Zeca tinha um sonho, assim como Martin Luther King. O sonho do Zeca era viável. Ele queria uma casa cor-de-rosa: paredes, janelas, portas, tudo, tudinho cor-de-rosa. Mas, dentro das possibilidades e da sua realidade, o sonho do Zeca era tão impossível quanto ao do bendito negro americano morto por querer igualdade entre nós. Zeca era trabalhador braçal nas fazendas, ora capinando o milho, cortando cana, esgotando o brejo para plantar arroz e o seu ganho com isto mal dava para subsistência. Não sobrava nada. Na maior parte das vezes nem dava para o mínimo sustento.

Como poderia ele ter a casa dos sonhos? Mas sonhar não custa nada, não se precisa de dinheiro e nem poder para sonhar. Basta sonhar. Faz bem e é de graça. Teria de procurar outros mundos. Iria para Conquista, uma terra nova, lá pras bandas de Friburgo, onde haveria muito trabalho e também dinheiro. Ele não sairia do Valão por não ter trabalho, mas queria partir, economizar e voltar com a conta justinha de fazer, comprar... Sei lá de que maneira, mas queria ter a casa cor-de-rosa.

Quebrou a cara! Lá, como aqui, o ganho também era pouco. Pior ainda: a comida! Ah! A comida! Todos os dias uma sopa de legumes, sobras da lavoura. No Valão, comia arroz, angu, feijão, um ovo de galinha de longe em longe e se matavam um porco a boia melhorava muito, pois sempre havia na marmitta um pedaço de miúdo, um naco de chouriço no capricho, torresmo fresquinho e crocante. E quando a vaca caía do barranco? Fazer carne-seca e comer às pamparras, porque o pessoal mais assim, os grã-finos não gostavam. Fazendeiro só comia carne de porco.

Mas na Conquista, não! Quiabo, cenoura, nabo, rabanete, beterraba, tudo do mato... Ah! Que saudade! Ele não conseguia comer aquilo, ele nunca gostou muito de verduras e legumes. Quando achava banana, era a glória! Às vezes, saía à rua e passava perto de uma quitanda, pencas e mais pencas de bananas amarelinhas, cheirosas e ele sem um mísero centavo para comprar. Um dia quase pegou umas, mas pensou, pensou... E a fome passou, só por imaginar as consequências.

Mudou de emprego. Arranjou uma carroça puxada por uma égua e foi trabalhar de meeiro com o proprietário. Mas o Zeca indiscutivelmente não nasceu com a bunda virada para a lua. Pelo contrário; todas as vezes que ele a tentava mostrar, a lua entrava em eclipse. E deu no que só poderia dar.

Numa das muitas viagens a égua e a carrocinha cheia de tijolos iam subindo um determinado trecho quando percebeu que o animal não aguentaria vencer aquela ladeira. Questão de prática no ofício. Ficou atrás e ajudou com toda a pouca força que ainda lhe restava. E a coitada lá na frente bufava, gemia, ia de um lado para o outro, mas a carroça nada, parada no mesmo lugar. Zeca também extenuado e num determinado momento não aguentaram.

Égua e carroça desceram de ré, saíram da estrada e caíram numa ribanceira. Com o peso dos tijolos a carrocinha empinou e a égua ficou pendurada nos varais, amarrada pelas correias de couro. Foi um Deus nos acuda. Por sorte Zeca conseguiu cortar as amarras e o animal salvo. Mais problemas, mais dívidas. E aí?

Teria de voltar. Chegou à sua terra novamente como um soldado que retorna depois de uma guerra perdida. Pior! O soldado volta alegre, cheio de planos para o futuro, feliz por estar vivo, recomeçar vida nova e melhor, sem dúvida. Esta a única semelhança! Estar vivo. Mas vivo sem aquele sonho da casa cor-de-rosa? Sem sonhos há esperança? Sem esperança pode haver vida?

E ele mais parecia mesmo uma caricatura. Mas estava de volta, sem sonhos, nem esperanças, nem nada, mas com uma certeza: deixar o tempo passar. Derrota. Sentado à porta da venda do Tivinho, pernas cruzadas e os tendões retesados sob a pele negra e magra à mostra nos vários rasgões das calças; cotovelo apoiado sobre a coxa direita; tronco arqueado e coberto por uma camisa com tantos remendos que já não se podia definir qual o tecido original.

Queixo seguro fracamente pela mão semiaberta e dedos apoiados na face magra, boca desdentada e murcha, olhar perdido à distância, sem brilho, mais parecendo um clone mal sucedido de “O Pensador”, resultado de uma tentativa desastrosa de um anônimo cientista de uma Biafra qualquer.

O Zeca ganhou a casa. Grande, bonita, todinha cor-de-rosa! Tinha uma escada, sala, três quartos, cozinha e até banheiro com a água encanada que nascia no moledo nas grimpas do pequeno monte. Luz elétrica, antena parabólica, televisão colorida... Ufa! Ele não queria tanto! E como conseguiu?

O menino Cal deu-lhe como presente! Aquele magrinho, de cabeça grande, tímido e que tantas e tantas vezes Zeca o carregou nas costas. Aquele mesmo que ficava entretido, de cócoras, observando-o cruzar as taliscas de bambus para fazer a arapuca, pegar os inhambus ou juritis que ele acariciava e depois libertava. O que ficava feliz quando o Zeca emparelhava os bodes no seu carrinho para carregar qualquer coisa ou quando pegava a gaiola com o canarinho amarelo e “armava” na congonha à beira da estrada, perto do buracão. Aquele mesmo que cresceu, saiu, estudou, virou Veterinário, fazendeiro e voltou para a terra com sonhos, esperanças e o coração de sempre, enorme, alma maior ainda e deu uma pequena parte daquilo para tentar refazer o muito do que o Zeca nunca alcançaria por si. Aquele que deveria ser sempre imitado, copiado.

Zeca estava agora diante do tesouro, do sonho, do mimo, do tudo que não poderia e queria ter. Calado, sem piscar, polegar e indicador da mão direita apertando o queixo magro, aparentemente sem qualquer emoção, mas os olhos não estavam desprovidos do brilho habitual, certamente até brilhando um pouco mais; marejados.

Somente de uma coisa não gostou: vaso sanitário. Fazer sentado? Não! Não se adaptaria! Melhor continuar indo lá atrás do bambuzal e de cócoras, como sempre foi. Ali, dentro do vaso, colocou capim e palha, forrou com penas e deitou para chocar a sua preferida galinha carijó do pescoço pelado. Ela também nunca tivera um ninho igual!

Dirceu Badini Martins
Colegiado/Nova Friburgo/RJ
dirceubadini@gmail.com



FATO

Hoje acordei com uma certeza...
Preciso, necessito de um sonho,
Não sou ninguém, sem o sonho,
Acabei de descobrir...
Sem o sonho, meu dia fica cinzento,
Meu céu nublado, meu sol sem calor...

A noite sem ele fica terrível e
assustadoramente vazia...
Sem o sonho minha alma fica pálida,
Os olhos embaçados e sem cor,
meu coração gelado,
Enrijecido... fraco, calado...
A alma em coma, sem vontade de compor...

Meu imaginário precisa do seu contorno,
De sua forma desenhada,
Para que eu possa explodir em criação...
Necessito sonhar, inventar em mim,
Este alheio coração...
Sonhar um envergamento de cintura,
Uma boca em minha boca madura,
Preciso imaginar-me personagem
de uma louca e inverossímil paixão....

Preciso acreditar que ainda existe
A minha estrela, mesmo impossível
De tocar, mesmo impossível de alcançar,
Mesmo impossível de se ter...

Só assim consigo ser frescor, cor,
E sentir em mim a beleza
De um doce e terno
Amanhecer...

Regina Célia R. Tavares
Decana/Bebedouro/SP
reginacrt@yahoo.com.br

CIDADE

De dia, as vias vazias de espíritos,
entupidadas de vidas sem rumo,
presas diárias que são de ritos,
fazem ser o sacerdote sumo
frente a sorte e ao arbitro,
menos que a morte no túmulo.

À noite, as ruas cheias de gente
dentro de carros, pontos de luz,
escorrendo feito enchente
de lava viva, podre e pus,
levando o sempre valente
ao caminho que o conduz.

Em mim, a via não é mais que a lua
e a rua menos que onde o balão cai;
se a lida vem linda e nua,
se vem a dor com seu ai;
minha vida agora, toda sua,
como era de minha mãe e meu pai.

Renato Afonso Moreira
Conselho/Montes Claros/MG
renato.moreira2009@hotmail.com

AOPÉ DE UMA CADEIRA

O crepitar das chamas na lareira,
Espalhando calor pelo ambiente,
Reporta a minha doce companheira
Sentada no tapete, sorridente.

Ora, a cismar, ao pé de uma cadeira,
Revivo o nosso amor adolescente...
Vai o fogo queimando a madeira
Embora já não seja tão candente...

O tédio da velhice as avizinha.
Ouço o vento uivar, frio, raivoso,
Arrancando soluções d'alma minha...

Encolho-me em total desarmonia...
E, o crepitar das chamas – lamentoso -
Decresce, enquanto cresce esta agonia.

Terezinha Ofélia N. Renno
Colegiado/Itajubá/MG
tonrenno@sulminas.com.br

HÁBITO

Retenho o hábito:
o contra senso, a contrariedade exposta
na novidade: o dizer errado da coisa
desfeita; faço de conta ser personagem
da história e me lanço dos capítulos
ao armário; tenho o sorriso do dia
sem considerar a bíblica reprimenda;
os passos ágeis dos soldados
e a janela aberta
ao vôo incontestes:
hábito o significado e desprendo
a camada materializada
em ordens e desejos;
levo o consciente gesto imobilizado
em estátuas e desfaço o sentimento
ancorado em barcos passados: o hábito
preso ao cofre agita as portas e se lança
contra as paredes: a vontade estremece

Pedro de Quadros Du Bois
Praeclarus/Balneário Camboriú/SC
pedro_dubois@terra.com.br

LIBERDADE

Cismando! Mais um passo...
Um passo ainda
E tombarei no chão da eternidade!
Doida, veloz, numa carreira infinda,
Voará minha alma pela imensidade...

Esta grandiosa esfera fria e linda,
Este circo onde gira a humanidade,
Das suas dores me apressou a vinda
E eu as carregando, assim, na flor da idade!

Assim, na flor da idade elas me vieram
E enlutaram os meus dias serenos
E chorar longamente me fizeram.

Pilar Reynes Casagrande
Praeclarus/Rio Claro/SP
pilarcasagrande@clirc.com.br

LONGE DO TEMPO

Deter-se a olhar,
A alma despida sobre a seda
Inebriada e febril de paixão
que irradia beleza e
uma fúria incontrolável
por sermos mais uma vez, um só...
Dois corpos vestidos em desejos
Alimentando-se um do outro
O mel mais doce existente
Insaciáveis, se entregam
Sem reservas
Tornando o momento
Quase sufocante,
podendo sentir o ar em fogo
A pele arder em chamas
De uma paixão enlouquecedora
Nos tornando escravos
Absolutos, e sublimes,
Eternos amantes
Longe do Tempo,
Longe de Tudo...
Perto do seu coração....

Roberto Augusto Ferrari
Colegiado/Carapicuíba/SP
roberto@poetaddamor.com.br

CASARÃO DOS VENTOS

Ali está, em ruínas, o casarão,
era tão grande e eu pequena ainda;
uma febre me deixou na escuridão,
e assim fiquei, por tempo que não finda.

Eu escutava o vento que batia,
na vidraça da janela fechada,
mas, a voz do paredão, ele trazia,
e até hoje, em minha alma, está gravada.

Hoje venho tuas ruínas visitar,
os meus cabelos brancos sacudidos,
o mesmo vento que os deixava em desalinho.

O mesmo vento... o mesmo marulhar!...
Só eu não sou a mesma... Sou a ruína
que guarda tuas lembranças com carinho.

Reyzina Vianna Ramos
Colegiado/Pelotas/RS
ceron@brturbo.com.br

NA CURVADO TEU OLHAR

Ouço a solidão vinda de tua alcova.
Em nosso retrato na cômoda ao teu lado
não enxergas mais os sentimentos
nos sorrisos daquele dia.
Na curva do teu olhar delineado no papel,
podias ver minha paixão.
Hoje, o tempo amarelou a foto.
O vestido branco que me cobria o corpo,
mesmo marcado pelo tempo
continua alvo em minha alma.
Proclamas que nossas vidas
não passaram de um sonho.
Que as quimeras cálidas desapareceram
no tempo que existe agora entre nós dois.
Bramo a ti, que meu peito te clama
na mesma intensidade de outrora.
Mostro-me, mas tu não sabes mais
como me ver.
Perde-se a admirar vitrines
engalanadas pela inveja.
E teu olhar puro,
ficou estacionado no móvel do teu quarto.

Hercília Gomes Siqueira
Colegiado/Uberaba/MG
herciliagomessiqueira@hotmail.com

OBATISMO

Assim se encontra escrito em Isaías:
“A tua frente vai meu mensageiro”,
cumprindo o dito pelas profecias,
voz que proclamará ao mundo inteiro:

“Preparem os caminhos do Luzeiro,
tornem direitas trilhas do Messias.
Para avisá-los foi que eu vim primeiro.
Eu só os batizo nestas águas frias,

Ele trará o Espírito-Verdade
e os queimarão com seu amor que é fogo”.
Jesus se aproximou, pediu batismo

e João lhe concedeu com suavidade.
Então a voz do Pai, qual Pedagogo:
“Meu Filho amado, cria o Cristianismo

José Morgado
Colegiado/Pindamonhangaba
j-morgado@uol.com.br

CIGARRAS, PORTA
E MOURA TORTA

Vi cigarras mortas
Me lembrei da Moura Torta
E passei pela última porta

Nem cigarra – viva ou morta
Nem Moura – certa ou torta
Nem porta – primeira ou última

Nada para mim importa
Se ao contar às tardes
De sol dolente
Que o canto ardente
Da cigarra no batente da porta
Não traz lembranças somente
Da ilusão de Moura Torta
Mas lições da infância ausente.

Reginaldo Honório da Silva
Decano/Rio Claro/SP

RIMAS VAZIAS

Embora eu escreva poesias,
Poeta, tenho certeza, não sou.
Crio sim, umas rimas vazias
Quando com vontade estou.

Não precisa pois ninguém dizer
Sobre a pobreza dos meus versos,
Que produzo por mero prazer,
Procurando escrevê-los todos ternos.

Faz parte de minha natureza
Passar o tempo de modo salutar,
Dispondo-me em encontrar beleza

Nas coisas simples criadas por Deus.
Daí um desejo incontido de narrar
E externar os etéreos sonhos meus.

Rubem Alves Catulé de Almeida
Decano/Santo Anastácio/SP

EXORTAÇÃO

Ai de ti, povo haitiano,
se te contentares
com as tendas doadas pela
solidariedade internacional,
depois do terremoto
que destruiu tua cidade!
Sai do casulo em que te meteram!
Remove os entulhos das
casas destruídas pela fatalidade!
Finca de novo os alicerces!
Constrói novas moradias! Dignas !
Mostra tua raça,
Tua força,
Teu fascínio
Tua vontade!
Sobe as montanhas
E apresenta-te ao mundo,
Livre,
Forte,
Ressuscitado!
Tu és querer!
Tu és poder!
Entoa de novo a canção de
liberdade de teus antepassados!
Levanta-te e marcha!
Adiante!
A hora é de reconstrução!



Vera Maria da Penha
Conselho/Vila Velha
vemape@terra.com.br

LARGA NOITE

Grita larga noite!
Noite auxiliadora das almas nubladas,
Tranquilizadora dos corações rotos.

Por entre tuas veias de estrela,
Passeia a gata faminta
Do sexo palpitante.

Hoje, nem a solidão me acompanha
Pelas ruas da memória.
Tudo é escuro e silêncio
Por debaixo dos sonhos.

Bela atormentadora que conforta.
Sempre presente e sempre
Surpreendente.
Ilumina-me à face com o
Brilho do teu segredo.

Deixa-me sentir-te, pois sei,
Que me bastará com sentir-te
Para teu ser.
Hoje me sinto menos humano
E por isso menos triste.

Cansado de sentir a vida
Que distinta de ti,
Não se entrega à ninguém
Só com senti-la.
A vida por si só é vaidosa
Ainda sabendo que tu és
A vencedora.

Vem morte!
Alça-me em teus braços;
Baixemos abismos se há
Que baixá-los,
Cruzemos rios se há que cruzá-los.
Mas leva-me, leva-me já!
Vem morte, vem!
Ou irei eu a buscar-te!

Thiago Alexandre Tonussi
Praeclarus/Piracicaba/SP
thonussi@hotmail.it

CAMINHANTE

Não escondas teu sorriso,
Caminhante.
Não deixes teu sorriso esboçado
Na sombra do muro.
Tua vida
É um fio minúsculo
E teus passos,
Caminhante,
Desfazem-se
Com o vendaval noturno.
No entanto,
Caminhante,
Teu nome,
Tua presença, teu riso
São eternos momentos
Para aqueles que te conheceram
E compartilharam
Momentos, olhares
Idéias, experiências
Tuas e alheias.
Algo de ti ficou conosco
E algo de nós
Foi-se contigo.
Não escondas teu ser,
Caminhante.



Raimunda Lucena Strehler
Colegiado/Sobradinho/DF
ray_lucena_strehler@terra.com.br

SOBREI EU

Elas estão magoadas
A desculpa que eu dei
Gosto das noites
Porque nasci de madrugada

A minha ex não me quer
Nem me ver pintado de ouro
A atual já comigo
Não quer mais nada

E diz que eu sou o errado
Porque as deixava por boemia
Trocava a noite pelo dia
E voltava para casa alterado

Mas por outro lado nos momentos
Em que eu estava com elas
Só me dedicava á ama-la
E ninguém reclamava

Elas estão magoadas
Se colou se não colou
Alguém sobrou, sobrei eu

José Roberto Panaia
Colegiado/Piracicaba/SP

ELEGIA A ISABELLA

É uma porção verde da longe mata
antes da frieza do concreto armado,
quando a amada com a lua bem ao lado,
sonhava ouvindo a voz da serenata.

Na sombra do jardim improvisado
uma palmeira tímida desata
pranto de orvalho modelado em prata
sobre o corpinho ali abandonado...

Dele, olhos quietos miram a janela
onde outrora fingiu-se um lar festivo,
cheio do amor que torna a vida bela...

Lá dentro a esganção de um inocente...
Nas mãos do monstro, o corpo ainda vivo
e o gesto que assombrou a toda gente

Reginaldo Costa de Albuquerque
Conselho/Campo Grande/MS
reginaldoalbuquerque@uol.com.br

AMAGIADO CARNAVAL

Formoso carnaval carioca
Maior festa popular
Quatro dias de pagode
Areia, farinha, ovos
Jogados na praia ao folião
Folia anima o corso
Turistas acorrem ao chamado
Hilário do incrível Rei Momo
Ranchos, maracatus,
Escolas de samba
Arlequins, colombinas, pierrôs
Descem o morro e vem
Brincar na passarela
A faina das costureiras
Às vésperas do desfile
Confeccionar designer e fantasia
Vestes de árabe, romano, oriental
Ensaaios diurnos dos blocos
Os quesitos avaliados
No sambódromo:
Ritmo, bateria, animação,
Hora, harmonia,
Originalidade, adereços
Jogo-de-cena dos passistas
Casal de mestre-sala e porta-bandeira
Frenesi nos carros alegóricos
Evolução ao longo das épocas.



Valdemar Alves Júnior
Titular/Fortaleza/CE

MINHA CRUZ

Quando a vida me impôs buscar caminhos,
Por entre espinhos para o meu crescimento,
Aprendi que a vida não é só de felicidade...
A cruz que carrego é parte de meu sentimento.

Aprendi que o peso que ela tem é suportável,
Quando se sabe a maneira de carregá-la...
Pois a força, não está no braço forte ou fraco,
Mas, na aceitação, do que temos que passar.

Passo a passo vou trabalhando minha estrada,
Sem me afastar por atalhos que não conheço,
Prefiro a caminhada devagar e sem pressa...
E em cada queda buscar um novo recomeço.

Vou burilando as minhas tantas imperfeições...
Transportando minha cruz com alegria...
Assim eu vivo buscando sempre superações...
Faço da minha cruz inspiração para a poesia.

Wilson Rosa da Fonseca
Decano/Rio Grande/RS
fonseca1949@gmail.com

COMPOSITOR

Procuro em vão
o amigo do passado...
Um compositor
que dominou gwerções
levando a todos
belíssimas inspirações,
originais e grandiosas!

Busquei encontrá-lo
com sentimento fraterno,
de quando vinha a minha casa.
Giram ainda em meus ouvidos
o encantamento de sua música.
Agora o comppositor é só saudade...

Alfredo Alencar Aranha
Rio de Janeiro/RJ/In memoriam



Terapias Holísticas e
Estudos para o Desenvolvimento Humano
Caminhos para uma vida melhor
Consultas - Cursos - Palestras

Vicente Campos
Psicoterapeuta Holístico
CRT 45.304 - ABRAD 0336-03

Taroterapia - Vidas Passadas
Radiestesia - Radiônica
Astrologia

Ligue: (19) 3829-2345

Site: www.vicentecampos.com.br
Email: terapeuta@vicentecampos.com.br



BAIÃO PIZZARIA E CHOPERIA

GALERIA COMERCIAL DO COOP

MALUKA CALÇADOS & ACESSÓRIOS

GALERIA COMERCIAL DO COOP

COPIADORA

LUIZ DE QUEIROZ

BOULEVARD I BOM DIA

19 3434 4838

copiadora@copiadoralq.com.br

